



PANCETTI
NA CASA FIAT DE CULTURA
o mar quando quebra na praia...

Curadoria Denise Mattar

PANCETTI

Ministério da Cultura e Casa Fiat de Cultura apresentam



PANCETTI

NA CASA FIAT DE CULTURA

o mar quando quebra na praia...

Curadoria **Denise Mattar**

3 de setembro a 17 de novembro de 2024

PANCETTI

NA CASA FIAT DE CULTURA

o mar quando quebra na praia...





1912

1913

1914

1915

1916

1917

1918

1919

1920

1921

1922

1923

1924

1925

1926

1927

1928

1929

1930

1931

1932

1933

1934

1935

1936

1937

1938

1939

1940

1941

1942

1943

1944

1945

1946

1947

1948

1949

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

2025

2026

2027

2028

2029

2030

2031

2032

2033

2034

2035

2036

2037

2038

2039

2040

2041

2042

2043

2044

2045

2046

2047

2048

2049

2050

2051

2052

2053

2054

2055

2056

2057

2058

2059

2060

2061

2062

2063

2064

2065

2066

2067

2068

2069

2070

2071

2072

2073

2074

2075

2076

2077

2078

2079

2080

2081

2082

2083

2084

2085

2086

2087

2088

2089

2090

2091

2092

2093

2094

2095

2096

2097

2098

2099

2100



Text panel on the left wall, containing several lines of text.





O mar deságua em terras mineiras na primeira mostra de José Pancetti em Belo Horizonte. A expressão e as tonalidades de suas pinturas traduzem sua profunda relação com o litoral e as pessoas. Um homem do mar, da poesia do cotidiano e observador. Com delicadeza e singularidade, suas obras conduzem a um descobrir e redescobrir a própria identidade brasileira.

Pancetti retratava sua vida e suas experiências. É possível reconhecer o olhar do marinheiro, os momentos introspectivos, as cidades por onde viveu e sua percepção da sociedade das décadas de 1930 a 1950. Filho de imigrantes italianos e autodidata, ele tinha um jeito único de pintar, fossem as marinhas, os retratos, as paisagens ou as naturezas-mortas.

A paixão do pintor que o fez criar sua arte é a mesma que sentimos ao oferecer essa mostra individual com obras e documentário que, pela primeira vez, estão sendo apresentados ao público. A galeria da Casa Fiat de Cultura ganha a leveza, a profundidade e a brisa do mar que sempre estão presentes nas obras de Pancetti. Para sentir, basta contemplar.

Massimo Cavallo
Presidente da Casa Fiat de Cultura

The sea flows into Minas Gerais in José Pancetti's first exhibition in Belo Horizonte. The expression and tones of his paintings translate his deep connection with the coast and its people. A man of the sea, the poetry of everyday life, and an observer. With delicacy and uniqueness, his works lead to a discovery and rediscovery of Brazilian identity.

Pancetti portrayed his life and his experiences. It is possible to recognize the sailor's gaze, the introspective moments, the cities where he lived, and his perception of society in the 1930s to 1950s. A son of Italian immigrants and a self-taught artist, he had a unique way of painting, whether it was seascapes, portraits, landscapes, or still lifes.

The passion that drove the painter to create his art is the same we feel when offering this solo exhibition with works and a documentary being presented to the public for the first time. The gallery of Casa Fiat de Cultura embraces the lightness, depth, and sea breeze that are always present in Pancetti's works. To feel it, just contemplate.

Massimo Cavallo
President of Casa Fiat de Cultura

Marinha, Cabo Frio, série Musa do Pintor, 1949 (detalhe detail)



Pancetti – o mar quando quebra na praia...

Pancetti foi um pintor original, cujo temperamento solitário e formação quase autodidata favoreceram o nascimento de uma obra singular, repleta de lirismo, melancolia e poesia – uma obra que emociona. Nas palavras de Frederico Morais: “A pintura de Pancetti é como um convés de navio, curtida de sol e sal. Não enferruja. Honesta, limpa, econômica, direta, austera, quase seca, mesmo quando a cor se expande e o gesto abriga a emoção. Não há nele nem o supérfluo, nem o desperdício”. Pancetti quase não desenhava, fazia apenas alguns apontamentos a carvão antes de iniciar suas pinturas, e não gostava de trabalhar no ateliê, preferia pintar ao ar livre; por isso, suas telas, são, na sua maioria, de dimensões modestas.

Giuseppe Gianinni Pancetti nasceu em Campinas em 1902, mudando-se com a família para São Paulo em 1912. Seu pai, Giovanni, era pedreiro e mestre de obras na Itália e viera para o Brasil, com a mulher Corinna, em busca de melhores oportunidades – que não se concretizaram. A família era extremamente pobre e vivia em condições precárias, comuns aos imigrantes. O processo de crescimento vertiginoso e caótico da cidade de São Paulo submetia a população comum a opressões e privações hoje inimagináveis. As jornadas de trabalho duravam 16 horas, dois terços das crianças morriam antes dos dois anos e a polícia aterrorizava a todos... Foi nesse ambiente carregado, e pressionado por dificuldades financeiras que o pai de Pancetti decidiu, em 1913, enviar à Itália os filhos Giuseppe e Ida, acompanhados do tio Casimiro, comerciante de mármore.

O jovem Giuseppe estudou em Massa-Carrara, entrando para a Marinha Mercante Italiana aos 16 anos. Por causa das consequências da I Guerra resolveu voltar ao Brasil, em 1921, e, no ano seguinte, foi admitido como grumete a bordo do navio *Paraná*. A infância difícil e as privações da adolescência deixaram marcas profundas na personalidade e na saúde de

Marinha, série Bahia, 1952 (detalhe detail)

Pancetti, assim, o ingresso na Marinha Brasileira foi um alívio para as suas atribulações. Ao longo de toda a sua vida a predisposição à tuberculose e o excesso de cigarros obrigariam o artista a permanecer em repouso por longos períodos, situações nas quais sempre pôde contar com a compreensão de seus superiores. Permaneceu na ativa até 1946 e, alcançou, já reformado, o posto de 1º Tenente. Tinha um enorme orgulho de ser marinheiro, e, seu amor era correspondido.

Na Marinha seu talento para o manejo com as tintas logo foi descoberto. “O comandante pediu-me que pintasse seu camarote, e o fiz com tanto esmero, que passei a gozar de consideração especial”, escreveu ele em seu diário. Nas horas vagas pintava postais e tampas de caixas de charutos, que trocava com os colegas por cigarros. Em 1929, o “moço das tintas” participou de um curso para auxiliar especialista no qual aprendeu a composição das tintas, os utensílios de pintura e o preparo de superfícies. Mas ele queria mais...

Em 1933 Pancetti foi enviado ao Rio de Janeiro para servir no Quartel do Corpo de Fuzileiros Navais e isso lhe deu a oportunidade de estudar no Núcleo Bernardelli. Fundado em 1931 o núcleo atuava como um ateliê livre, que se propunha moderno, e onde não havia professores, mas orientadores, e as mensalidades eram usadas para dividir os custos de manutenção. Entre seus integrantes estavam: Edson Motta, Joaquim Tenreiro, Quirino Campofiorito, Bruno Lechowsky e o jovem Milton Dacosta.

O contato com seus pares, entretanto, não foi uma experiência agradável para Pancetti; os exercícios o aborreciam e as críticas mais ainda. Por isso, sua permanência foi curta, mas teve consequências importantes e duradouras. Uma das mais significativas foi o encontro com o polonês Lechowski, o único que reconhecia como mestre. Dele absorveu, e desen-

volveu, à sua maneira, a composição organizada por planos geométricos, assim como a sutileza do traço e a austeridade da cor. Também foi ele quem aconselhou o artista a não deixar seu emprego na Marinha, para não ter que comercializar a sua obra. Outro fato importante, decorrente do estágio no Núcleo Bernardelli, foi que Pancetti passou a participar, com regularidade, do Salão Nacional de Belas Artes, integrando-se assim ao restrito circuito artístico da época, vindo a receber várias medalhas e prêmios, inclusive o cobiçado Prêmio de Viagem ao Exterior, em 1941.

O percurso estético do artista é marcado por uma progressiva geometrização, e pela importância que a cor vai ganhando sobre a forma, até tornar-se protagonista quase absoluta das composições. Entretanto, para acompanhar seu trabalho, mais interessante do que dividi-lo em períodos cronológicos, é mostrar as questões subjacentes à sua obra: o ritmo do silêncio, o encanto do cotidiano, a emoção da cor e um lirismo agudo – quase dolorido. Elas permeiam toda a sua produção, realizada nos formatos clássicos: paisagem, retrato e natureza morta, que ele vai revestindo de acentos particulares e inesperados, incluindo a hibridação de gêneros. Acompanhar essa trajetória dentro de cada tema é o que propõe a exposição, revelando a delicada sobriedade e o denso encanto que caracterizam a obra do artista.

Pancetti sempre pintou aquilo que estava mais próximo dele, e, por isso, iniciou seu trabalho retratando barcos, arsenais e galpões da Marinha. Falando sobre essa fase Mário Pedrosa dizia que o artista era “uma máquina de ver, de ver, carinhosamente as coisas externas naturais, pois para marinheiros, barco, qualquer que seja, grande ou pequeno, é sempre obra da natureza, faz parte do mar, criador de tudo, das coisas e dos homens ...” O pequeno óleo sobre cartão *Navio de casco*

vermelho, 1936, e *Barcos Ancorados*, 1937 são exemplos desse olhar amoroso que Pedrosa detecta. *Oficinas*, 1940, que integra o acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, tem nítida influência de Lechowsky. Datada de 1941, com dimensões incomuns para os padrões do artista, a paisagem urbana *O Chão* foi a obra pela qual Pancetti recebeu o Prêmio de Viagem ao Exterior, no primeiro Salão Nacional de Belas Artes que incluiu a Divisão Moderna.

O homem do mar parecia não se adaptar bem à cidade, e dessas primeiras paisagens urbanas de Pancetti desprende-se uma pungente sensação de desconforto, que só faz acrescentar força à sua pintura. As pessoas, quando retratadas, são pequenas, oprimidas entre casas e becos, enquanto que as ruas e quintais estão quase sempre vazios. Os trabalhos têm cores contidas e cezarianas reduções de formas. *Sem título*, s.d., ilustra bem esse período. Reveste-se de caráter especial a obra *Praça Clóvis Bevilacqua*, 1949. Pintada das janelas do Palacete Santa Helena, a tela coloca em primeiro plano a igreja da praça, mas deixa ver ao fundo as inúmeras e tristes chaminés fumegantes das fábricas paulistanas. Noutra clave, mais doce, a nostalgia também parece permear as obras pintadas em São João del-Rei em 1945, cidade de que Pancetti gostava, e que seria muitas vezes retratada por ele.

O mal-estar das cidades não se repetia no contato com a natureza, e nas muitas viagens de Pancetti pelo Brasil ele se deixava impregnar totalmente pela luz de cada local, registrando as cores de maneira imediatamente reconhecível. Os trabalhos têm cores contidas e as formas são reduzidas, quase geométricas. O artista usava cortes marcados, até abruptos e enquadramentos incomuns que revelam sua modernidade, bastante diversa de seus contemporâneos. Reformado da Marinha, Pancetti passou, a partir de 1946, a se dedicar ex-

clusivamente à pintura. Sem a rigidez da instituição a conter seu temperamento melancólico, ele entregou-se às paixões românticas e às bebedeiras, alternadas por momentos em que mergulhava em sua inata solidão. Viajou muito pelo litoral, dando início a uma maneira inteiramente pessoal de registrá-lo. O artista, que já tinha o hábito de usar os versos de suas obras para fazer anotações, intensificou essas marcações. Carybé, com propriedade, dizia que ele “tatuava” suas obras.

Devido à fragilidade de sua saúde, Pancetti esteve muitas vezes em Campos do Jordão, pois na época a região era considerada adequada para tratamento de doenças nos pulmões. O artista pintou várias vistas da cidade, mas são especialmente frequentes seus registros das florestas, nas quais fazia longas caminhadas. São exemplos dessa vertente as obras *Floresta*, 1944 e *Bairro da Abissínia*, 1949. Nas suas estadias em praias Pancetti dava muita atenção ao cotidiano humilde e árduo dos trabalhadores do mar. *Arraial do Cabo*, 1948, é um trabalho incomum, mostrando uma vila pescadores. São trabalhos nos quais as pessoas são simples e sem rostos, sempre pequenas e pintadas com pouquíssimos traços. Em *Rio São João*, 1947 e *Cabo Frio*, 1949 evidencia-se outra característica marcante de Pancetti, o uso das perspectivas diagonais, o olhar oblíquo, como se ele visse o mundo através de uma lente grande angular. Após sua estadia em Salvador, o artista residiu um período em Saquarema. Desse momento têm destaque as obras *Saquarema*, 1955, e a excepcional *Igreja de Nossa Senhora de Nazaré*, 1955.

Os retratos de Pancetti, são muito particulares. De forma diversa de alguns de seus pares, que aceitavam encomendas para realizar retratos de pessoas da sociedade, o artista sempre elegeu como modelos as pessoas do povo, com as quais se identificava, abrindo algumas exceções para amigos escritores

ou músicos. Pescadores, trabalhadores, lavadeiras, donas de casa e alguns familiares povoam seus quadros, pintados sem nenhum tipo de embelezamento ou exaltação, numa absoluta e seca simplicidade. *Figura feminina*, 1945, é um bom exemplo desse tipo de trabalho. O pintor era especialmente lírico ao retratar crianças, observadas com muita ternura e delicadeza. É o caso de *Retrato de Francisco* que mostra um menino negro tendo ao fundo a paisagem de um morro em São João del-Rei, cidade na qual Pancetti passou uma temporada em 1945. A figura ocupa quase a totalidade da tela, com seu olhar doce e ingênuo. O artista realizou no mesmo ano, uma segunda versão desse retrato conhecida como *Menino Bom*. Outra faceta dessa vertente são seus retratos de família. O artista casou-se em 1935 com Anita Caruso e, em 1941, nasceu sua filha Nilma. Como marinheiro, ele viajou a maior parte da vida e seu temperamento solitário contribuiu para que continuasse a viajar mesmo depois de sua reforma, em 1946. Ele não foi, portanto, um pai presente, mas tinha grande ternura por sua esposa e filhos. Na pequena série apresentada na exposição, vemos a filha, ainda bebê, ao lado da mãe, seu sono, sonho, seus sapatinhos numa rósea natureza-morta, e já uma menina de 10 anos. Nilma seria muitas vezes retratada pelo pai, até a idade adulta.

Os retratos masculinos parecem ter um foco maior na personalidade dos retratados assim, o poeta Rossini Camargo Guarnieri (irmão do famoso compositor), é apresentado como uma figura lírica e romântica, enquanto que o retrato de Hernani, nos transmite a sensação de uma personalidade forte e marcante, acentuada pelos variados e dinâmicos tons de rosa ao fundo.

Nos seus autorretratos Pancetti solta a imaginação pintando suas fantasias e apresentando-se com diversas personalidades: marinheiro, pintor, almirante, bispo, dando a cada

uma dessas personas diferentes densidades psicológicas. No *Autorretrato*, 1940, Pancetti se apresenta como um trabalhador. Ao rosto anguloso ele contrapõe o matiz escuro da barba em crescimento, com um tom rosado que replica na camiseta, acentuando a firmeza do rosto. No autorretrato de 1952 escolhe para si a imagem de um homem do campo, novamente acentuando os ângulos do rosto, com a sombra de sua barba. Nos dois trabalhos sua expressão é um tanto desafiadora, reunindo assombro e desconfiança. Segundo o crítico Antônio Gonçalves Filho: “O pintor se retratava com ar de agressividade, por que agressivo, a seu ver, era o mundo que o cercava e fazer-se agressivo foi a solução que encontrou para sobreviver”.

Na obra intitulada pelo artista de *Auto-vida*, Pancetti cria um autorretrato emblemático no qual mescla realidade, imaginação e ironia. Na obra ele aparece usando o uniforme de marinheiro, com o quepe do navio *Rio Grande do Norte*, segurando um livro intitulado *Ismos*, apresentando-se assim como marinheiro e pintor. O livro em suas mãos, publicado em 1931 pelo poeta espanhol Ramón Gómez de la Serna faz uma crítica aos movimentos artísticos que pareciam se suceder infinitamente: impressionismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, figurativismo, abstracionismo – algo que devia deixar Pancetti perplexo, com sua pintura desvinculada de correntes. Vale observar que Pancetti circulava entre dois mundos bastante diversos, o cotidiano simples, do marinheiro, que o lembrava de sua origem humilde e o sofisticado mundo das artes plásticas no qual era incensado como gênio, num sucesso que inclusive tinha repercussão junto ao alto escalão da Marinha – uma dicotomia que potencializava seu temperamento dramático.

As naturezas-mortas de Pancetti não têm paralelo na arte brasileira, ele hibridiza os gêneros tradicionais da pintura, integrando frutas, quadros, flores, mar e paisagem em cortes

quase fotográficos, revelando ângulos surpreendentes de elementos banais do cotidiano. Seus primeiros trabalhos são realizados em notas baixas e sóbrias da escala cromática e sua composição é quase clássica. Aos poucos, porém, o artista ousa mais e mais, e, num tema que se adequa com perfeição à natureza estática de sua obra, produz verdadeiras obras primas, muito bem representadas na exposição. Entre elas os vangoghianos girassóis retratados na tela *Sem título*, 1940, e as cezarianas maçãs de *Campos do Jordão*, 1943 e *Natureza-morta*, 1946. A obra da série *Mata São João*, 1951, é a plena expressão da originalidade do artista na realização de naturezas-mortas, reunindo objetos, pinturas e frutas apresentadas numa perspectiva inusitada. *Interior do meu ateliê, Itapoan* realizada em Salvador no dia 7 de outubro de 1957, é considerada uma das últimas pinturas de Pancetti. Em 16 de novembro do mesmo ano, o artista, muito doente, voltou para o Rio para se internar no hospital da Marinha, falecendo a 10 de fevereiro de 1958. Quase finalizada, a obra não chegou a receber a cor da fruta destacada em primeiro plano, revelando o incomum processo construtivo do artista.

As marinhas são a faceta mais conhecida do pintor e o conjunto apresentado na exposição acompanha sua carreira. Passa pelos registros austeros de diferentes pontos do litoral brasileiro, revela o intenso cromatismo e a composição diagonal do período baiano, e alcança a economia de elementos de sua produção final, com obras sintéticas, nas quais a economia da composição beira o abstrato.

A mudança para a Bahia, na década de 1950, modificou a personalidade e a obra de Pancetti, a alegria tornou o artista mais doce, e ele explodiu em cores quentes e fortes. O artista chegou a Salvador num momento especial, no qual, na recém fundada Universidade da Bahia ministravam aulas intelectuais

da mais absoluta vanguarda como: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka e Martim Gonçalves. Em consonância com essa efervescência, artistas plásticos como Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim e Agnaldo dos Santos construíam uma marcante visualidade da Bahia. Assim, Pancetti circulava entre o mundo sagrado de Mestre Didi, as sensuais narrativas de Jorge Amado e o som de Caymmi, celebrando ao violão a beleza e o poder de lemanjá, senhora das águas e rainha do mar. Músico e pintor ficaram muito amigos, e, registrando a afinidade que existe entre as suas composições, musicais e pictóricas, apresentamos na exposição uma instalação imersiva reunindo cinco canções de Caymmi a imagens e sons do mar. Refletindo esse momento, e bastante incomum é a obra *Pescadores*, 1956, que remete aos desenhos de Carybé.

Nesse período as marinhas e paisagens de Pancetti tornaram-se intensas e plenas de luz, e seu amor pela cidade perpetuou a linda Salvador dos anos 1950 em obras como: *Igreja de Santo Antônio da Barra*, 1951, *Sem título, da série Bahia*, 1952, *Paisagem de Itapuã*, 1953, *Farol da Barra*, 1954 e *Coqueiros de Itapuã*, 1956. As telas *Lagoa do Abaeté*, 1952 e *Lavadeiras do Abaeté*, 1957, mostram a descoberta da Lagoa do Abaeté, com suas águas escuras, a areia branca e a festa colorida dos panos das lavadeiras, um momento de encanto para o artista, sobre o qual relatava Aloysio de Paula: “Sua luz se enriquece e adquire poder e intensidade como nunca ele a exibira. Tudo canta no Abaeté. Seus verdes são mais verdes, seus vermelhos mais vermelhos”.

O artista cria também obras poéticas, como *Stela, Série Bahia*, 1951, *Marinha, série Bahia*, 1952 e outras de cor exuberante como as duas telas *Mar Grande*, 1954 e *Itapuã*, 1956. Sobre esse momento de produção tão intensa, comenta Vera Pacheco Jordão: “Mesmo as paisagens que chegam a ser quase

abstratas estão firmemente ancoradas numa realidade sensual. A passagem dos ocres para o violeta da beira d'água é a expressão plástica de quem não só viu com os olhos, mas palpou com os pés, a areia quente, clara e solta, a areia úmida, pesada e baça, a areia molhada, pastosa, macia na superfície escura sobre a qual desliza a película brilhante da água. A paisagem de Pancetti é a projeção não só dessa experiência física, mas do sentimento”.

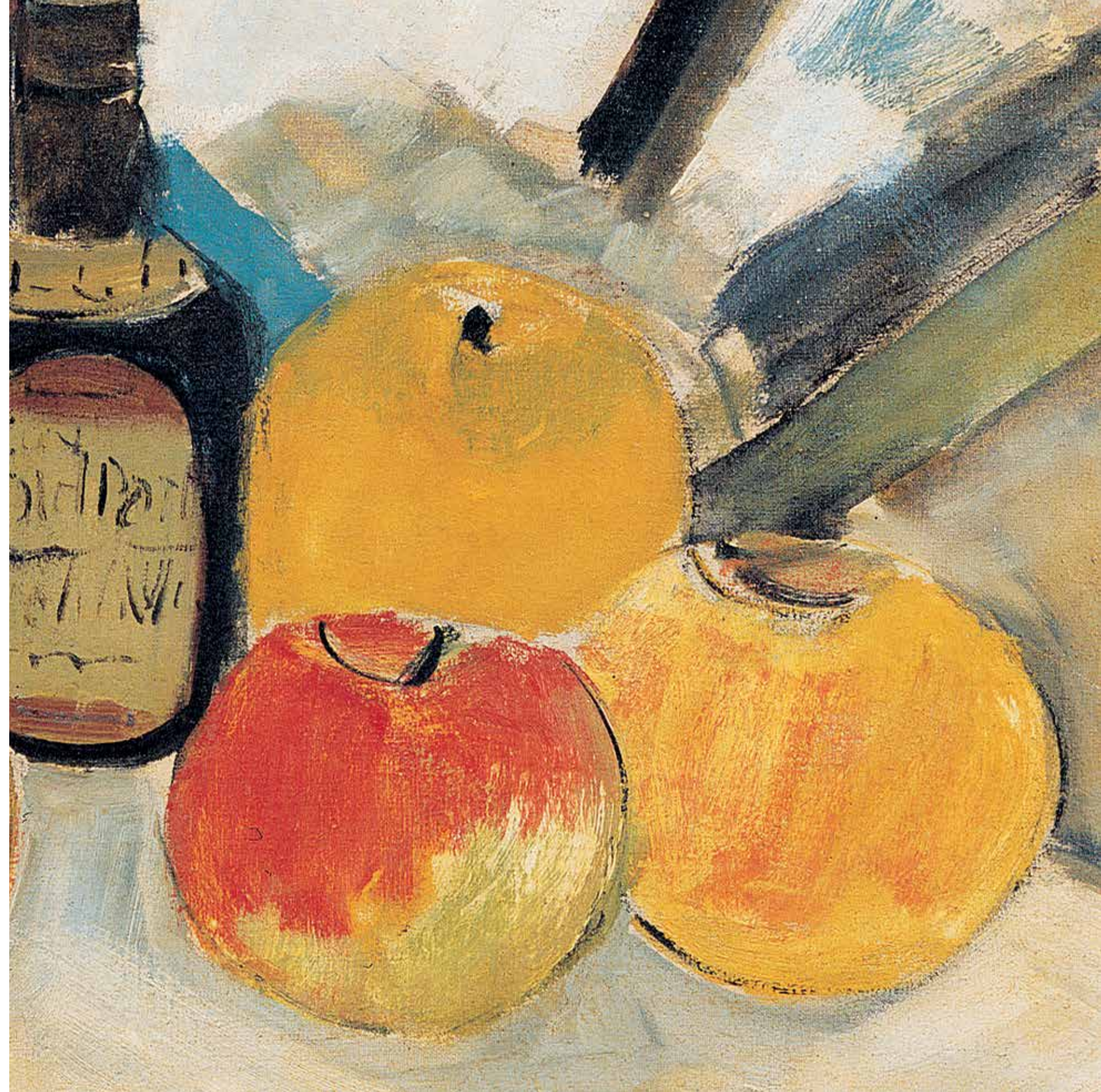
A produção compulsiva e os excessos do artista fazem recrudescer sua doença, sempre latente, e assim, em 1957, ele é obrigado a ir para o Rio de Janeiro para receber tratamento mais adequado. Pancetti foi internado no Hospital Central da Marinha, e apesar dos cuidados recebidos, faleceu no início de 1958. Antes de partir da Bahia, escreveu em seu diário:

Na estrada, desde o farol da Barra até Itapuã eu fiquei a olhar a praia e os coqueiros, as canoas dos pescadores e suas redes estendidas sobre as brancas areias que iam ficando. Um turista que vinha na frente do carro, com cara de norte-americano, batia fotografias do verde mar. Atrás dele um homem chorava por não poder mais interpretar aquelas deslumbrantes cores daquele mar tão familiar.

O beijo entre o mar e a areia é um tema recorrente na obra de Pancetti. Um namoro que ele retratou ao longo de toda a sua vida, sempre com emoção. Encontro que também encantava seu amigo Dorival Caymmi, que cantava com voz profunda: o mar, quando quebra na praia, é bonito, é bonito...

Denise Mattar
Curadora

Natureza Morta, 1946 (detalhe detail)





Pancetti – the sea when it breaks on the shore...

Pancetti was an original painter whose solitary temperament and practically self-taught training enabled the birth of a singular oeuvre, filled with lyricism, melancholy and poetry; an oeuvre that stirs emotions. In the words of Frederico Morais: "Pancetti's painting is like the deck of a ship, hardened by the sun and the salt. It doesn't get rusty. Honest, clean, economic, direct, austere, almost dry, even when the color expands and the gesture contains emotion. There is nothing superfluous or wasted in it". Pancetti almost never made drawings, he just made a few notes in coal before beginning his paintings, and he didn't like to work inside the studio, but preferred working in the open air; this is why his canvasses are mostly small sized.

Giuseppe Gianinni Pancetti was born in Campinas, in 1902, and moved with his family to São Paulo in 1912. His father, Giovanni, was a bricklayer and master builder in Italy who came to Brazil with his wife, Corinna, seeking better opportunities – which he did not find. The family was extremely poor and lived in precarious conditions, as was common to many immigrants. The vertiginous and chaotic growth process of the city of São Paulo submitted the general population to oppression and hardships that are unimaginable today. A workday lasted 16 hours; two thirds of the children died before they were two years old, and the police terrorized everyone It was in this difficult environment, and pressured by financial difficulties that, in 1913, Pancetti's father decided to send his children, Giuseppe and Ida, to Italy, accompanied by their uncle Casimiro, a marble merchant.

Young Giuseppe studied in Massa-Carrara and joined the Italian Merchant Navy when he was 16 years old. As a result of the First World War, he decided to return to Brazil in 1921, and the following year he was admitted as a cabin boy aboard the Paraná. His difficult childhood and the hardships of his adolescence left deep marks on Pancetti's personality and health, and joining

Arraial do Cabo, 1948 (detalhe detail)

the Brazilian Navy was seen as a relief for his trials. Throughout his life his predisposition to tuberculosis and an excess of cigarettes obliged the artist to keep long periods of rest, a situation that was always understood by his superiors. He remained in active service until 1946 and, already retired, achieved the rank of Lieutenant. He was enormously proud of being a sailor and this love was reciprocated.

In the Navy, his talent for working with paints was soon recognized. "The commander asked me to paint his cabin, and I did it so well that I began to enjoy special consideration", he wrote in his diary. In his spare time, he painted postcards and covers of cigar boxes, which he exchanged with his mates for cigarettes. In 1929, the "paints boy" took part in a course for specialist assistants in which he learned the composition of paints, the utensils used for painting, and how to prepare surfaces. But he wanted more....

In 1933, Pancetti was sent to Rio de Janeiro to serve at the Quartel do Corpo de Fuzileiros Navais and with this came the opportunity to study at the Núcleo Bernardelli. Founded in 1931, the nucleus acted as a free atelier that presented itself as being modern, with no teachers, only advisors, and the monthly fees were used to divide the costs of its maintenance. Among its members were: Edson Motta, Joaquim Tenreiro, Quirino Campofiorito, Bruno Lechowsky and young Milton Dacosta.

This contact with his peers, however, was not a pleasant experience for Pancetti; the exercises bored him and the critiques even more. Thus, his stay was short but had important and lasting effects. One of the most significant of these was his encounter with Lechowski, from Poland, the only one that he recognized as a master. From him, Pancetti absorbed and developed, in his own way, a composition that was organized in geometric planes as well as the subtlety of his stroke and the austerity of color. It

was also he who advised the artist not to leave his job in the Navy, so as not to have to commercialize his works. Another important factor that resulted from his work at the Núcleo Bernardelli was that Pancetti began to participate regularly in the Salão Nacional de Belas Artes (National Salon of Fine Arts), thus becoming part of the select artistic circuit of the time, and receiving several medals and awards, including the coveted Prêmio de Viagem ao Exterior (Trip Abroad Award), in 1941.

The artist's esthetic journey is marked by progressive geometrization and by the importance that color gains over form, until it becomes almost the absolute protagonist in his compositions. To follow his career, however, rather than dividing it into chronological periods, it is more interesting to show the issues underlying his work: the rhythm of silence, the enchantment with everyday life, the emotion of color, and an acute, almost painful, lyricism. These permeate his entire production, produced in classical formats: landscape, portrait and still-life, which he cloaks in his own private and unexpected expressions, including genre hybridization. The aim of this exhibition is to follow this trajectory within each theme, revealing the delicate sobriety and dense charm that characterize the artist's works.

Pancetti always painted that which was closest to him, and, thus, he began his work depicting boats, arsenals and Navy warehouses. About this phase, Mário Pedrosa used to say that the artist was "a machine to see, to see affectionately the external natural things, because for a sailor, a boat, whichever it may be, big or small, is always a work of nature, part of the sea, creator of everything, of things and of men ...!"

The small oil on card painting Navio de casco vermelho (Ship with a red hull), 1936, and Barcos Ancorados, 1937 are examples of this loving regard that Pedrosa detects. Oficinas, 1940, which is part of the collection of the Museu Nacional de Belas Artes do

Rio de Janeiro (Museum of Fine Arts of Rio de Janeiro) has a clear influence of Lechowsky. Dated 1941, with uncommon dimensions for the artist's standards. Dated from 1941, with dimensions that are unusual by the artist's standards, the urban landscape O Chão (The Ground) is the painting for which Pancetti received the Prêmio de Viagem ao Exterior, at the first Salão Nacional de Belas Artes that included the Modern Division.

The man from the sea appeared not to adapt well to the city, and in the first urban landscapes by Pancetti there is a pungent sensation of discomfort, which only adds power to his painting. People, when portrayed, are small and dominated by houses and alleys. These works have subdued colors with Cezanne-style reduced forms. Sem título, n.d. (Untitled), illustrates this period well. His work, Praça Clóvis Bevilacqua (Clóvis Bevilacqua Square), 1949 has a special feature. Painted from the windows of the Palacete Santa Helena, the canvas places the church on the square in the foreground, but allows numerous sad, smoking chimneys from São Paulo's factories to be seen in the background. On another, milder tone, nostalgia also seems to permeate his works that were painted in São João del-Rei, in 1945, a city Pancetti liked and that was often depicted by him.

The unease of the cities was not repeated in his contact with nature, and during his many trips throughout Brazil, Pancetti allowed himself to be totally infused by the light of each place, capturing the colors in an immediately recognizable manner. These works have subdued colors and reduced, almost geometrical, forms. The artist used marked, even abrupt, cuts and unusual framings that reveal his modern style, which was very different from that of his contemporaries. Once retired from the Navy, from 1946 on, Pancetti began to dedicate himself exclusively to painting. Without the institution's rigidity that had restrained his melancholic temperament, he turned to romantic

affairs and bouts of drinking, alternated with moments when he dove into his natural solitude. He often traveled to the coast and began to depict it in a very personal manner. The artist who already habitually used the back of his paintings to make notes, began to intensify these notes. Carybé, very appropriately, said he "tattooed" his works.

Due to his fragile health, Pancetti often traveled to Campos do Jordão, since at that time the region was considered ideal for treating lung diseases. The artist painted several scenes of the city, but especially frequent are his paintings of the woodland in which he took long walks. Examples of this line are his works Floresta (Woods), 1944 and Bairro da Abissínia (Abissínia neighborhood), 1949. When staying at the beach, he turned his attention to the humble and hard daily life of the seamen. Arraial do Cabo, 1948, is an unusual painting that shows a fishing village. In these works, the people are simple and faceless, always small and painted with hardly any strokes. Rio São João, 1947 and Cabo Frio, 1949, show another of Pancetti's remarkable characteristics, the use of a diagonal perspective, the oblique look, as though he saw the world through a large angular lens. After his stay in Salvador, the artist lived for a period in Saquarema. From this time, the works Saquarema, 1955, and the exceptional Igreja de Nossa Senhora de Nazaré (Church of Our Lady of Nazareth), 1955, stand out.

Pancetti's portraits are very specific. Contrary to some of his peers, who accepted orders to carry out portraits of society figures, the artist always chose as his models less privileged people with whom he identified, making exceptions only for some writer friends or musicians. Fishermen, workers, washerwomen, housewives and some family members are seen in his pictures, painted without any embellishment, with complete and dry simplicity. Figura feminina (Female figure), 1945, is a good example

of this kind of work. The painter was especially lyrical when portraying children, observing them with great tenderness and gentleness. This is the case of Retrato de Francisco (Portrait of Francisco) that shows a black boy with a background of a hill in São João del-Rei, the city where Pancetti spent some time, in 1945. The figure occupies almost the entire canvas, with its gentle and naive expression. The same year, the artist paints a second version of this portrait known as the Menino Bom (Good Boy). Another aspect of this approach is his family portraits. The artist married Anita Caruso in 1935, and in 1941, their daughter Nilma was born. As a sailor, he spent most of his life traveling, and his solitary temperament contributed to his continued travels even after his retirement in 1946. He was not, therefore, a present father, but he had great affection for his wife and children. In this small series presented in the exhibition, we see the daughter, still a baby, beside her mother, her sleep, dreams, her little shoes in a rosy still life, and already a 10-year-old girl. Nilma would often be portrayed by her father until adulthood.

The male portraits seem to focus more on the personality of the subjects—thus, the poet Rossini Camargo Guarnieri (brother of the famous composer) is depicted as a lyrical and romantic figure, while the portrait of Hernani conveys the impression of a strong and striking personality, accentuated by the varied and dynamic shades of pink in the background.

In his self-portraits, Pancetti releases his imagination and paints his fantasies, presenting himself as different characters: sailor, painter and bishop, giving each of these personas different psychological densities. In Autorretrato, Pancetti presents himself as a worker. To the angular face, he contrasts the dark shade of his growing beard with a pinkish tone that he replicates in the shirt, accentuating the firmness of the face. In the 1952 self-portrait, he chooses for himself the image of a countryman,

again emphasizing the angles of the face with the shadow of his beard. In both works, his expression is somewhat challenging, combining awe and mistrust. According to critic Antônio Gonçalves Filho: “The painter portrayed himself with an aggressive air, since aggressive, in his opinion, was the world that surrounded him and to become aggressive was the solution he found to survive”.

In the painting he called Auto-vida (Self-Life), Pancetti creates an emblematic self-portrait in which he blends reality, imagination and irony. In this work, he is wearing a sailor’s uniform, with a cap from the Rio Grande do Norte ship and is holding a book with the title of Ismos (Isms), presenting himself as a sailor and a painter. The book in his hands, published in 1931 by Spanish poet Ramón Gómez de la Serna, is a critique of the artistic movements that seemed to appear endlessly: impressionism, cubism, expressionism, surrealism, figurativism, abstractionism – something that must have perplexed Pancetti, since his painting was dissociated from any movement. It is worthwhile noting that Pancetti circulated between two very different worlds, his simple daily life as a sailor which reminded him of his humble origins, and the sophisticated world of visual arts in which he was praised as a genius, his success reverberating also among the high ranks of the Navy – a dichotomy that intensified his dramatic temperament.

Pancetti’s still-lives have no parallel in Brazilian art, they are a hybridization of the traditional genres of painting, including fruit, pictures, flowers, seascapes and landscapes, with almost photographic cuts, that reveal surprising angles of banal everyday elements. His first works are produced with low, sober shades on the chromatic scale and his composition is almost classical. Slowly, however, the artist becomes increasingly daring and, with a theme that adapts perfectly to the static nature

of his works, he produces true masterpieces that are extremely well represented in this exhibition. Among these are the van Gogh-style sunflowers depicted on the canvas, Sem título (Untitled), 1940, the Cézanne-style apples seen in Campos do Jordão, 1943 and Natureza-morta (Still-life), 1946. The works of the Mata São João (São João Woodland) series, 1951, are a complete expression of the artist’s originality in still-life painting, gathering objects, paintings and fruit shown from an unusual perspective. Interior do meu ateliê, Itapoan (Interior of My Studio, Itapoan), painted in Salvador on October 7, 1957, is considered one of Pancetti’s last paintings. On November 16 of the same year, the artist, very ill, returned to Rio to be admitted to the Naval hospital, passing away on February 10, 1958. Almost finished, the work did not receive the color of the fruit highlighted in the foreground, revealing the artist’s unusual constructive process.

Seascapes are the artist’s most known facet and the set presented in this exhibition follows his career. It goes from the austere images of different points of the Brazilian coast, revealing the intense chromatism and diagonal composition of his Bahia period, to the economy of elements in his final production, with condensed works in which the restrained composition becomes almost abstract.

His move to Bahia, in the decade of 1950, modified Pancetti’s personality and oeuvre. Happiness made the artist more tender, with an explosion of colors that were fiery and strong. The artist arrived in Salvador at a special moment, in which the recently founded Universidade da Bahia was offering avant-garde classes given by intellectuals such as: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka and Martim Gonçalves. In harmony with this effervescence, visual artists such as Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim and Agnaldo dos Santos were building a remarkable image of Bahia. Thus, Pancetti cir-

culated between the sacred world of Mestre Didi, the sensual narratives of Jorge Amado and the sound of Caymmi, who celebrated, with his guitar, the beauty and power of Iemanjá, lady of the waters and queen of the sea. Musician and painter became close friends, and confirming the affinity that existed between their compositions – musical and pictorial – we are presenting in this exhibition an immersive installation that brings together five of Caymmi’s songs with images and sounds of the sea. As a result of this moment, and quite unusual, is the work Pescadores (Fishermen), 1956, which evokes the drawings of Carybé.

During this period, Pancetti’s seascapes and landscapes became intense and full of light, and his love for the city perpetuated the beautiful Salvador of the 1950s in works such as: Igreja de Santo Antônio da Barra (Church of Santo Antônio da Barra), 1951, Sem título (Untitled), from the Bahia series, 1952, Paisagem de Itapuã (Landscape of Itapuã), 1953, Farol da Barra (Barra Lighthouse), 1954, and Coqueiros de Itapuã (Coconut Trees of Itapuã), 1956. The paintings Lagoa do Abaeté (Abaeté Lagoon), 1952, and Lavadeiras do Abaeté (Washerwomen of Abaeté), 1957, reveal the discovery of Lagoa do Abaeté, with its dark waters, white sand, and the colorful display of the washerwomen’s cloths, a moment of enchantment for the artist, about which Aloysio de Paula reported: “Its light becomes enriched and gains power and intensity like never before. Everything sings in Abaeté. Its greens are greener, its reds are redder.”

The artist also creates poetic works, such as Stela, série Bahia, 1951, Marinha (Seascape), série Bahia, 1952, and others with exuberant colors such as the two canvasses Mar Grande (Great Sea), 1954, and Itapuã, 1956. Regarding this moment of intense production, Vera Pacheco Jordão comments: “Even the landscapes that are practically abstract are firmly anchored in a sensual reality. The transition from ochres to violet on the edge

of the water is the visual expression of one who has not only seen with his eyes but has also felt with his feet the hot, light and loose sand, the humid, heavy and dark sand, and the wet, viscous and soft sand of the dark surface upon which the shiny film of water slides. Pancetti's landscape is a projection not only of this physical experience but of sentiment."

The artist's compulsive production and excesses caused his ever-latent disease to aggravate and, consequently, in 1957, he is obliged to go to Rio de Janeiro for more adequate treatment. Pancetti was interned in the Hospital Central da Marinha, and in spite of the care he received there, he died in early 1958. Before leaving Bahia, he wrote in his diary:

On the highway, from the Barra lighthouse to Itapuã, I gazed at the beach and the palm trees, the fishermen's boats and their nets left behind and stretched out over the white sands. A tourist, who looked North-American, was seated in the front of the car taking photos of the green sea. Behind him, a man cried because he could no longer represent the amazing colors of that very familiar sea.

The kiss between the sea and the sand is a recurring theme in Pancetti's works. A love affair that he depicted throughout his lifetime, always with emotion. This encounter also enchanted his friend, Dorival Caymmi, who in his deep voice, sang: the sea, when it breaks on the shore, is lovely, is lovely...

Denise Mattar
Curator

Obras expostas *Works on display*

Retratos

Os retratos de Pancetti são muito singulares. De forma diferente de alguns de seus pares, que aceitavam encomendas para realizar retratos de pessoas da sociedade, o artista sempre elegeu como modelos as pessoas do povo, com as quais se identificava, abrindo algumas exceções para amigos escritores ou músicos. Pescadores, trabalhadores, lavadeiras, donas de casa e alguns familiares povoam seus quadros, pintados sem nenhum tipo de embelezamento ou exaltação, numa absoluta e seca simplicidade. Pancetti não esconde a tristeza e o desânimo que tantas vezes acompanham os labores braçais. O pintor era especialmente lírico ao retratar crianças, observadas com muita ternura e delicadeza. Já nos autorretratos, ele soltava a imaginação e pintava suas fantasias apresentando-se com diversas personalidades: marinheiro, pintor, pescador, homem urbano, almirante, bispo, dando a cada uma dessas personas diferentes densidades psicológicas.

Portraits

Pancetti's portraits are singular. Differing from his peers, who accepted orders to produce portraits of society figures, the artist always chose, as his models, people from the masses with whom he identified, making some exceptions for friends who were writers or musicians. Fishermen, workers, washerwomen, housewives and a few family members inhabit his pictures, painted without any kind of embellishment or exaltation, with an unforgiving and dry simplicity. Pancetti doesn't hide the sadness and despondency that so often accompanies manual labor. The painter was especially lyrical when portraying children, observed with great tenderness and gentleness. In his self-portraits, however, he releases his imagination and paints his fantasies, appearing as different personalities: a sailor, painter, fisherman, city dweller, admiral, bishop, and giving each of these personas different psychological density.

Auto-vida, 1945
óleo sobre tela *oil on canvas* • 65 x 54 cm
Coleção *Collection* Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Auto-vida é um autorretrato emblemático de Pancetti, no qual o artista mescla realidade, imaginação e ironia. Na obra ele aparece usando o uniforme de marinheiro, com o quepe do navio Rio Grande do Norte, segurando um livro intitulado *Ismos*, apresentando-se assim como marinheiro e pintor. O artista circulava entre dois mundos bastante diversos, o cotidiano simples, da Marinha, que o lembrava de sua origem humilde e o sofisticado mundo das artes plásticas no qual era incensado. O livro em suas mãos, publicado em 1931 pelo poeta espanhol Ramón Gómez de la Serna (1888-1963) faz uma crítica aos movimentos artísticos que pareciam se suceder infinitamente: impressionismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, figurativismo, abstracionismo – algo que devia deixar Pancetti perplexo, com sua pintura desvinculada de correntes.

Autovida is an emblematic self-portrait of Pancetti, in which the artist blends reality, imagination and irony. In this work he is wearing a sailor's uniform, with a cap from the Rio Grande do Norte ship and holding a book called Ismos, thus presenting himself as a sailor and as a painter. The artist traveled between two very different worlds, the simple daily routine of the Navy, which reminded him of his humble origin, and the sophisticated world of visual arts in which he was inserted. The book in his hands, published, in 1931, by Spanish poet Ramón Gómez de la Serna, is a critique of the artistic movements that seemed to appear endlessly: impressionism, cubism, expressionism, surrealism, figurativism, abstractionism – something that must have perplexed Pancetti since his painting was dissociated from any movement.





Navio de casco vermelho, 1936
óleo sobre cartão *oil on cardboard* • 18,5 x 12,8 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro

à direita *right*
Barcos Ancorados, 1937
óleo sobre tela *oil on canvas* • 72 x 87 cm
Coleção *Collection* Luiz Carlos Ritter • Rio de Janeiro

Para Mário Pedrosa, Pancetti era “uma máquina de ver, de ver, carinhosamente as coisas externas naturais, pois para marinheiros, barco, qualquer que seja, grande ou pequeno, é sempre obra da natureza, faz parte do mar, criador de tudo, das coisas e dos homens”.

For Mário Pedrosa, Pancetti was “a machine for seeing, for lovingly seeing the natural external things, because for sailors, a boat, any boat, big or small, is always a work of nature, part of the sea, the creator of everything, of things and men.”





Autorretrato, 1940
óleo sobre tela *oil on canvas* • 57 x 45 cm
Acervo *Collection* Museu de Arte Brasileira –
MAB FAAP • São Paulo

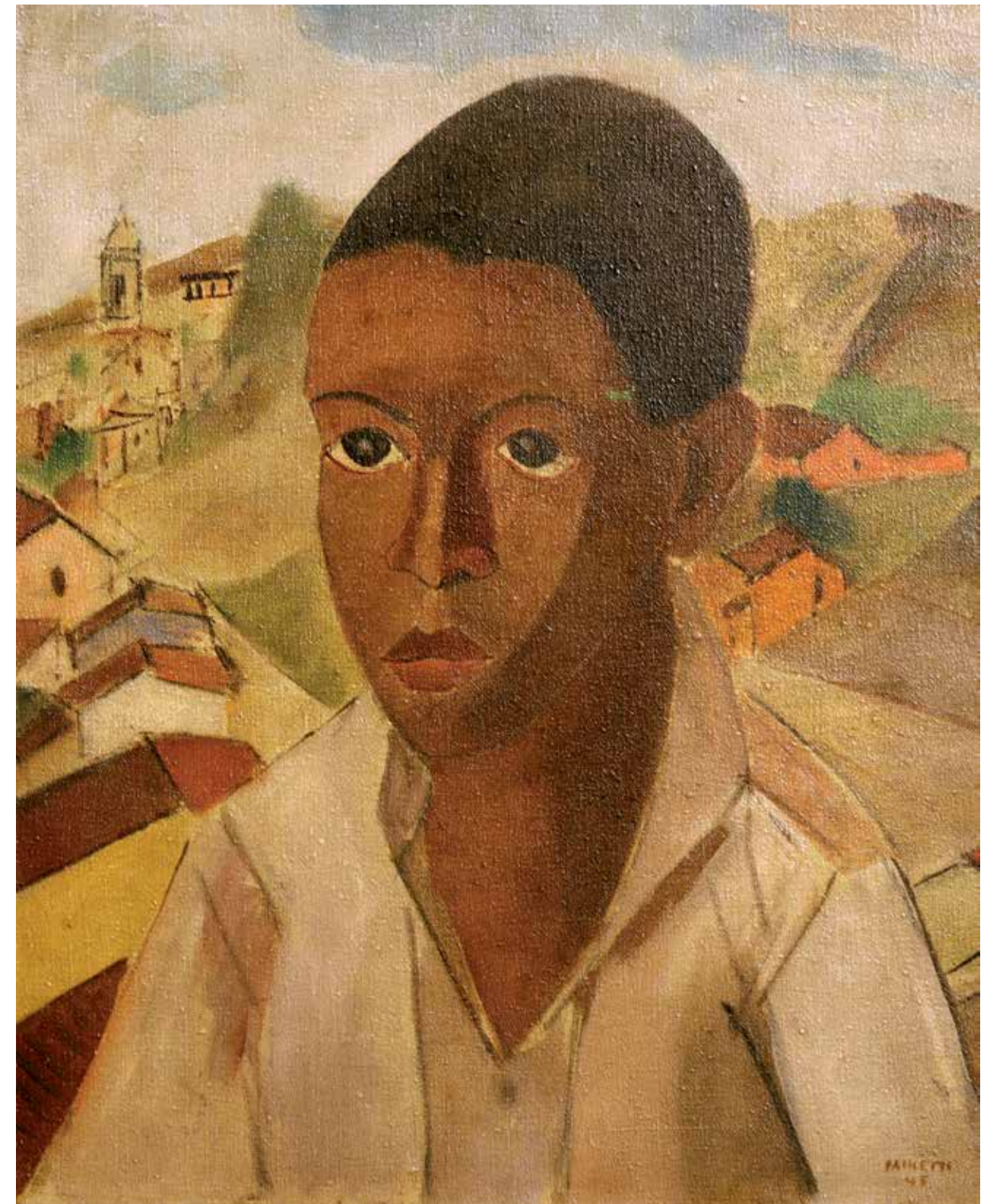
à direita *right*
Autorretrato, 1952/1954
óleo sobre tela *oil on canvas* • 55,4 x 46,5 cm
Acervo *Collection* Museu de Arte Brasileira –
MAB FAAP • São Paulo



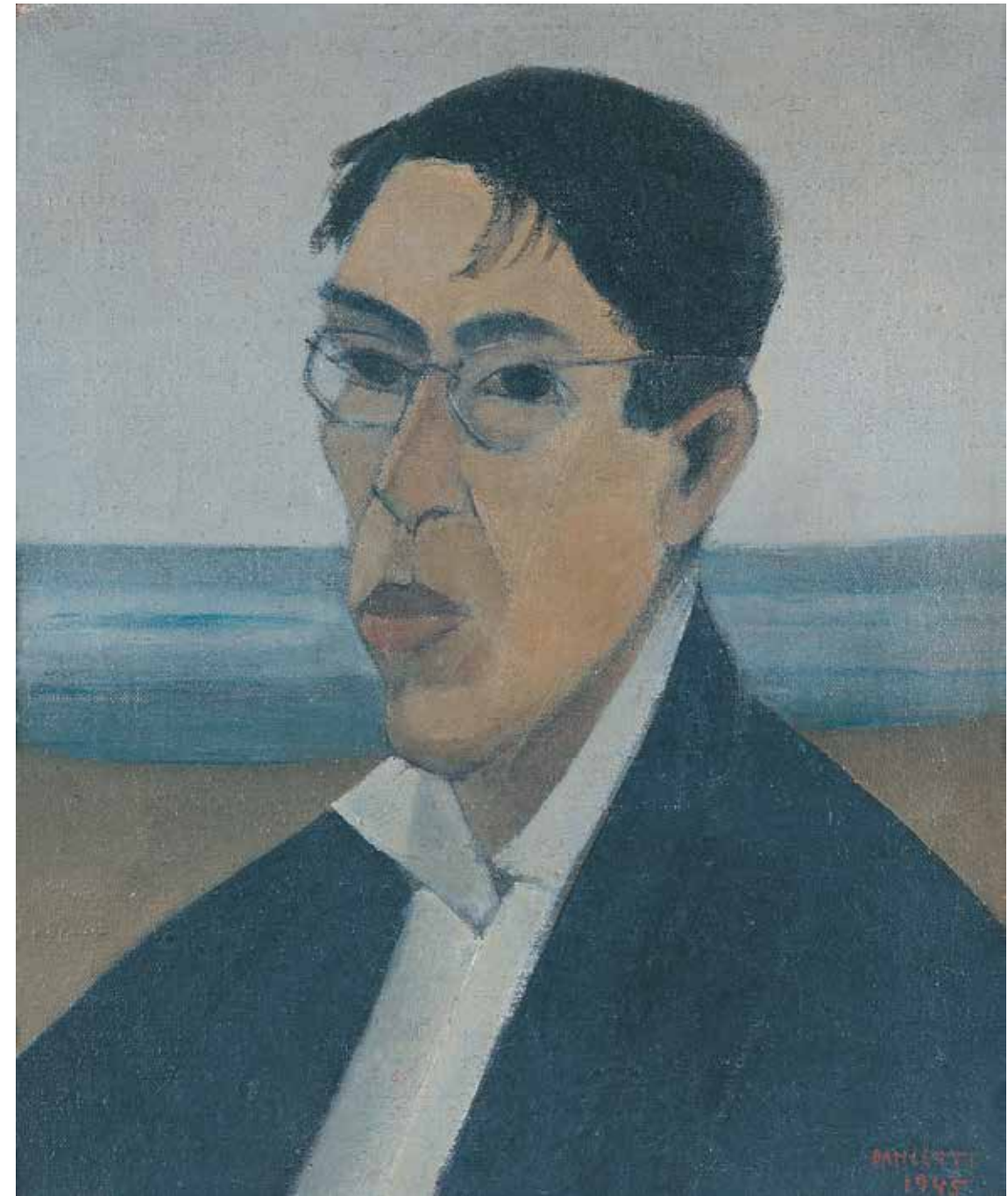
Retrato de Francisco, 1945
óleo sobre tela *oil on canvas* • 39,8 x 61,6
Coleção *Collection* MAM São Paulo
doação *donation* Carlo Tamagni, 1967

Retrato de Francisco mostra um menino negro tendo ao fundo a paisagem de um morro em São João del-Rei, cidade na qual Pancetti passou uma temporada em 1945. A figura ocupa quase a totalidade da tela, e fica clara a ternura e a delicadeza com que o artista retrata a criança simples, com olhar doce e ingênuo. O artista pintou no mesmo ano, uma outra versão desse retrato conhecida como *Menino Bom*.

Retrato de Francisco shows a black boy with a background of a hill in São João del-Rei, a city where Pancetti spent some time in 1945. The figure occupies virtually the entire canvas, and the tenderness and gentleness with which the artist portrays this simple child with a sweet and naïve look, is clear. That same year, the artist painted another version of this portrait known as the *Menino Bom* (Good Boy).



Rossini Camargo Guarnieri, 1945
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46,5 x 38,5 cm
Acervo *Collection* Museu de Arte Brasileira –
MAB FAAP • São Paulo





Retrato de Hernani, 1946
óleo sobre tela *oil on canvas* • 45 x 38 cm
Coleção particular *Private collection* • São Paulo

à direita *right*
Figura feminina, 1945
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 38 cm
Coleção *Collection* Breno Krasilchik • São Paulo



Família

As pinturas aqui reunidas pertencem à família de Pancetti e nunca foram apresentadas anteriormente. O artista casou-se em 1935 com Anita Caruso e, em 1941, nasceu sua filha Nilma. Como marinheiro, ele viajou a maior parte da vida e seu temperamento solitário contribuiu para que continuasse a viajar mesmo depois de sua reforma, em 1946. Ele não foi, portanto, um pai presente, mas tinha grande ternura por sua esposa e filhos. Nessa pequena série, vemos a filha, ainda bebê, ao lado da mãe, seu sono, sonho, seus sapatinhos numa rósea natureza-morta, e já uma menina de 10 anos. São trabalhos delicados nos quais o artista registra com carinho sua família. Nilma seria muitas vezes retratada pelo pai, até a idade adulta. Em 1952, Pancetti teve outro filho, Luiz Carlos, com uma de suas musas, mas a criança foi criada por D. Anita.

Family

The paintings gathered here belong to Pancetti's family and have never been previously exhibited. The artist married Anita Caruso in 1935, and in 1941, their daughter Nilma was born. As a sailor, he traveled most of his life, and his solitary temperament contributed to his continued travels even after his retirement in 1946. Therefore, he was not a present father, but he had great affection for his wife and children. In this small series, we see his daughter, still a baby, next to her mother, her sleep, dreams, her little shoes in a rosy still life, and already a 10-year-old girl. These are delicate works in which the artist lovingly depicts his family. Nilma would often be portrayed by her father until adulthood. In 1952, Pancetti had another son, Luiz Carlos, with one of his muses, but the child was raised by Anita.



Interior com Anita e bebê, Campos do Jordão, 1942
óleo sobre cartão *oil on cardboard* • 36 x 39 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro



Sonho, 1943
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 38 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro

à direita *right*
A nenê adormeceu, 1943
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 38 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro





Os primeiros sapatos da Nilma, 1943
óleo sobre tela *oil on canvas* • 38 x 46 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro

Nilma, 1951
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 38 cm
Coleção *Collection Nilma Pancetti* • Rio de Janeiro



Naturezas-mortas

As naturezas-mortas de Pancetti não têm paralelo na arte brasileira. Nelas, o artista passa pela inevitável influência de Van Gogh e Cézanne, mas desde o início, essa vertente já apresenta características próprias e originais. Aos poucos, Pancetti ousa mais e mais, e, num tema que se adequa com perfeição ao caráter estático de sua produção, cria verdadeiras obras-primas. Suas naturezas-mortas fazem uma hibridação dos gêneros tradicionais da pintura, mesclando frutas, flores, quadros, pinturas e figuras, tudo isso apresentado em enquadramentos inusitados, com ângulos e perspectivas singulares, criando uma superposição de informações. Assim, na sua aparente simplicidade, Pancetti instaura uma sofisticada metalinguagem, na qual a pintura fala sobre pintura.

Still-lifes

Pancetti's still-lifes have no parallel in Brazilian art. In these, the artist shares the inevitable influence of Van Gogh and Cézanne, but, from the beginning, this line already presents his own original characteristics. Slowly, Pancetti becomes increasingly daring, and with a theme that adapts perfectly to the static character of his production, he creates true masterpieces. His still-lifes are a hybridization of the traditional genres of painting, mixing, fruits, flowers, pictures, paintings and figures, all shown in unusual framing, with singular angles and perspectives, creating a superimposition of information. Thus, in his apparent simplicity, Pancetti establishes a sophisticated metalanguage, in which the painting speaks about painting.

Sem título, 1940
óleo sobre tela *oil on canvas* • 50,5 x 41 cm
Coleção *Collection* Breno Krasilchik • São Paulo





Campos do Jordão, 1943
óleo sobre tela *oil on canvas* • 35 x 45 cm
Coleção *Collection Orandi Momesso* • São Paulo

à direita *right*
Natureza Morta, 1946
óleo s/tela *oil on canvas* • 38 x 46 cm
Coleção *Collection Ricard Akagawa* • São Paulo



Série Mata São João, 1951
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 55 cm
Coleção particular *Private collection* • São Paulo



Composição - Bahia
Interior o meu atelier, Itapoan, 1957
óleo sobre tela oil on canvas • 45 x 55 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro

Esta obra, realizada em Salvador no dia 7 de outubro de 1957, é considerada uma das últimas pinturas de Pancetti. Em 16 de novembro do mesmo ano, o artista, muito doente, voltou para o Rio para se internar no hospital da Marinha, falecendo a 10 de fevereiro de 1958. Quase finalizada, a obra não chegou a receber a cor da fruta destacada em primeiro plano, revelando o incomum processo construtivo do artista. O trabalho não é assinado e continua com a família de Pancetti.

This work, created in Salvador on October 7, 1957, is considered one of Pancetti's last paintings. On November 16 of the same year, the artist, very ill, returned to Rio to be admitted to the Navy hospital, passing away on February 10, 1958. Almost finished, the work did not receive the color of the fruit highlighted in the foreground, revealing the artist's unusual constructive process. The piece is unsigned and remains with Pancetti's family.





Sem título [paleta do artista], s.d. n.d.
óleo sobre madeira *oil on wood* • 28,5 x 36,5 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro

à direita *right*
Sem título [paleta do artista], s.d. n.d.
óleo sobre madeira *oil on wood* • 28,5 x 36,5 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro



Paisagens

Pancetti sempre pintou aquilo que estava mais próximo dele, e, por isso, iniciou seu trabalho retratando barcos, arsenais e galpões da Marinha. O homem do mar parecia não se adaptar bem à cidade, e, de suas primeiras paisagens urbanas, desprende-se uma pungente sensação de desconforto, que só faz acrescentar força à sua pintura. As pessoas, quando retratadas, são pequenas, oprimidas entre casas e becos, e as ruas e quintais estão quase sempre vazios. O mal-estar das cidades não se repetia no contato com a natureza, e nas muitas viagens de Pancetti pelo Brasil, ele se deixava impregnar pela luz de cada local, captando as características das águas, do céu e da vegetação. Os trabalhos têm cores contidas e as formas são reduzidas, quase geométricas. O artista usava cortes marcados, até abruptos e enquadramentos incomuns que revelam sua modernidade, bastante diversa de seus contemporâneos.

Landscapes

Pancetti always painted what was closest to him, and, for this reason, he began his work depicting boats, arsenals and Navy warehouses. The man from the sea appears not to adapt well to the city, and, in his first urban landscapes is felt a sharp sensation of discomfort that only adds power to his painting. The people, when portrayed, are small and dominated by houses and alleys, and the streets and yards are almost always empty. This unease of the cities was not repeated in his contact with nature, and during his many trips throughout Brazil, Pancetti allowed himself to be infused with the light of each location, capturing the characteristics of the waters, the sky and the vegetation. These works contain subdued colors and reduced, almost geometric, forms. The artist used marked, even abrupt, cuts and unusual framing that reveal his modern style that was very different to that of his contemporaries.



Sem título, s.d. n.d.
óleo sobre tela oil on canvas • 81,5 x 81,5 cm
Coleção Collection Orandi Momesso • São Paulo

Oficinas, 1940
óleo sobre tela *oil on canvas* • 74,5 x 93,7 cm
Coleção *Collection* Museu Nacional de Belas Artes • Rio de Janeiro



O Chão, 1941
óleo sobre tela *oil on canvas* • 61,5 cm x 81 cm
Coleção *Collection* Museu Nacional de Belas Artes
Rio de Janeiro

Com a obra *O Chão*, Pancetti recebeu o cobiçado Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Belas Artes de 1941, ano no qual pela primeira vez ocorreu a chamada Divisão Moderna. Foi o reconhecimento público de um artista autodidata que, por pouco tempo, frequentou o Núcleo Bernardelli, no Rio de Janeiro.

Pancetti received the coveted Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Belas Artes, for his painting, O Chão, in 1941, the year when, for the first time, the so-called Modern Division was instituted. This was a public recognition of a self-taught artist who, for a short time, attended the Núcleo Bernardelli, in Rio de Janeiro.



Praça Clóvis Bevilacqua, 1949
óleo sobre tela oil on canvas • 38,7 x 46,1 cm
Coleção *Collection* Orandi Momesso • São Paulo

Praça Clóvis Bevilacqua, pintada em 1949 das janelas do Palacete Santa Helena, local onde os artistas, Volpi, Rebolo, Mário Zanini, Manoel Martins, entre outros, dividiam o ateliê. A tela coloca em primeiro plano, com certa singeleza, a igreja da praça, enquanto ao fundo ficam visíveis as inúmeras e tristes chaminés fumegantes das fábricas paulistanas.

Praça Clóvis Bevilacqua, 1949, was painted from the windows of the Palacete Santa Helena, a studio shared by artists Volpi, Rebolo, Mário Zanini and Manoel Martins, among others. The canvas shows in the foreground a somewhat simple church on the square, but allows numerous sad, smoking factory chimneys in the city of São Paulo to be seen in the background.

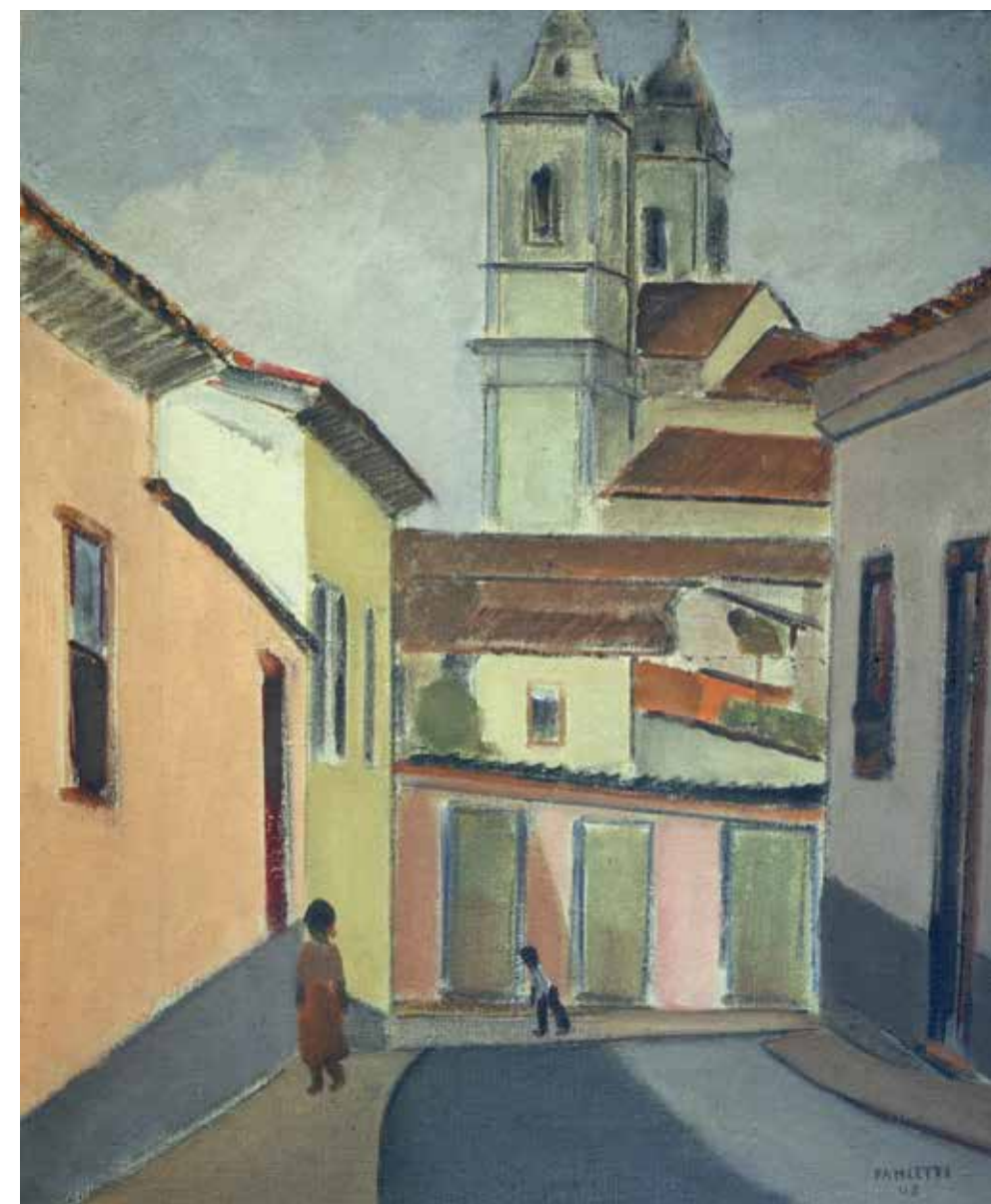




São João del-Rei, Rua de Santa Teresa, 1945
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 38 cm
Coleção particular *Private collection* • São Paulo

José Pancetti conheceu Guignard no Rio de Janeiro e foi um dos artistas convidados por ele a integrar a chamada *Semaninha de Arte Moderna*, em 1944. Alguns participantes da emblemática exposição, acompanhados por Guignard, viajaram pelas cidades históricas, e nessas pinturas de Pancetti é possível perceber a afinidade que existe na obra desses dois artistas originais e, de certa forma, marginais. Sempre alheios a grupos e modismos.

José Pancetti met Guignard in Rio de Janeiro, and was one of the artists invited by him to join the so-called Semaninha de Arte Moderna in 1944. Some participants of the emblematic exhibition, accompanied by Guignard, traveled through historic cities, and in these paintings by Pancetti, it is possible to perceive the affinity that exists in the work of these two original and somewhat marginal artists, always indifferent to groups and trends.



São João del-Rei, 1945
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 38 cm
Coleção *Collection Breno Krasilchik* • São Paulo

Floresta, Campos do Jordão, SP, 1944
óleo sobre tela oil on canvas • 39 x 46,5 cm
Acervo Collection Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
São Paulo

Pancetti esteve algumas vezes em Campos do Jordão. Um dos motivos era sua saúde, pois na época a região era considerada muito adequada para o tratamento de doenças nos pulmões. O artista pintou muitas vistas da cidade, mas são especialmente frequentes seus registros das florestas, nas quais fazia longas caminhadas.

Pancetti had been to Campos do Jordão several times. One of the reasons for this was his health, since at that time, the region was considered very good for treating lung diseases. The artist painted many views of the city, but especially frequent are his scenes of the woods in which he took long walks.





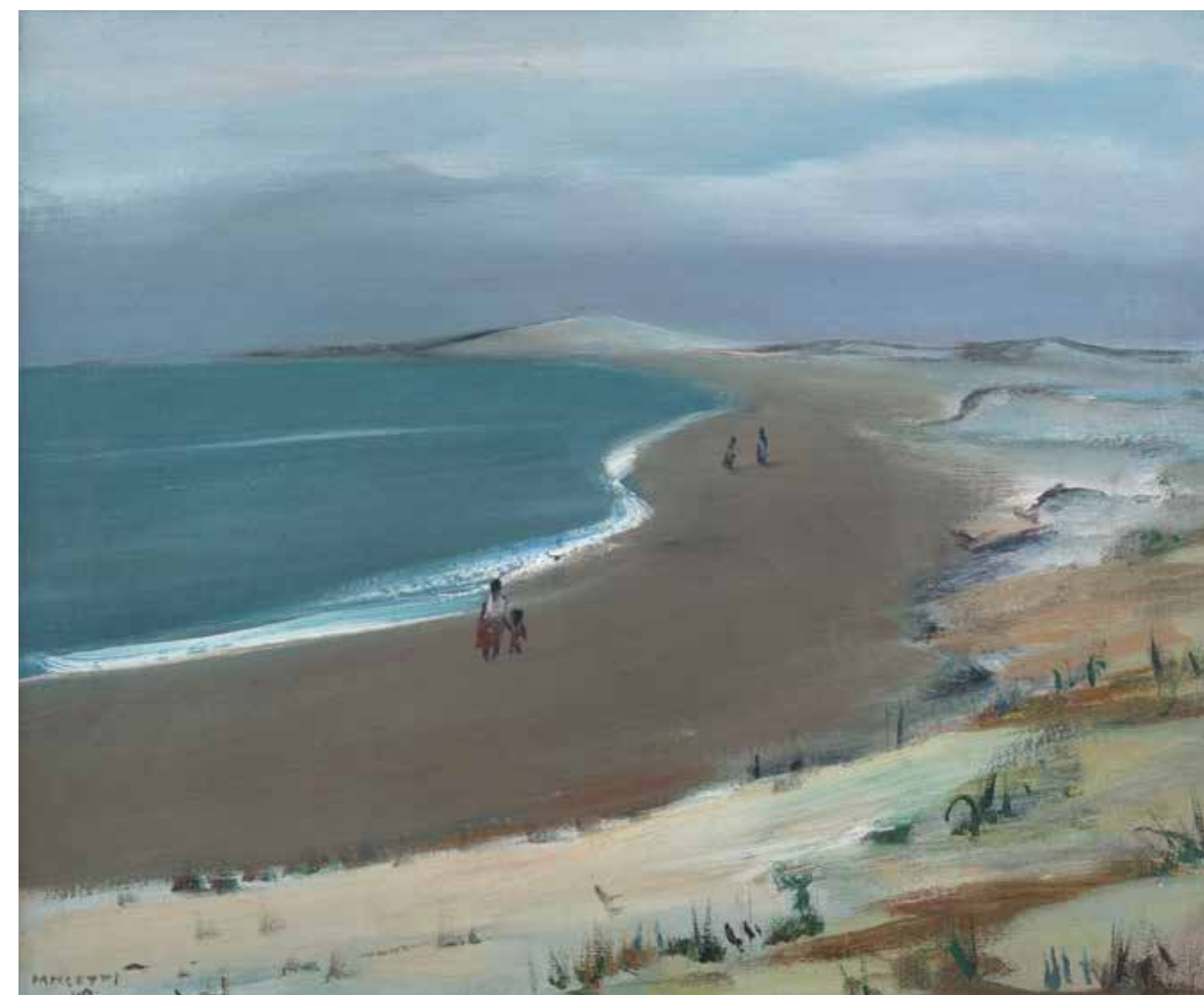
Bairro da Abissínia, série Abissínia, Campos de Jordão, SP, 1949
óleo sobre tela *oil on canvas* • 49 x 60 cm
Acervo *Collection* Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP • São Paulo

Rio São João, 1947
óleo sobre tela *oil on canvas* • 88,5 x 99,7
Coleção *Collection* MAM São Paulo
doação anônima *anonymous donation*, 1998





Arraial do Cabo, 1948
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 65 cm
Coleção *Collection* Gilberto Chateaubriand MAM Rio



à direita *right*
Marinha, Cabo Frio, série Musa do Pintor, 1949
óleo sobre tela *oil on canvas* • 38,8 x 46,8 cm
Coleção *Collection* Sofia e Sergio Fadel Lobão • Rio de Janeiro



Sem título, da série Saquarema, 1955
óleo sobre tela *oil on canvas* • 24 x 23 cm
Coleção particular *Private collection*

à direita *right*
Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, 1955
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 55,5 cm
Coleção *Collection* Ronaldo César Coelho • Rio de Janeiro



Bahia

A mudança para a Bahia, na década de 1950, modificou a personalidade e a obra de Pancetti. A alegria tornou o artista mais doce, e ele explodiu em cores quentes e fortes. As marinhas tornaram-se intensas e plenas de luz, e seu amor pela cidade perpetuou a linda Salvador da época. Pancetti chegou num momento especial, pois, na recém-fundada Universidade da Bahia, ministravam aulas intelectuais da mais absoluta vanguarda, como: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka e Martim Gonçalves. Em consonância com essa efervescência, artistas plásticos como Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim e Agnaldo dos Santos construíam uma marcante visualidade da Bahia. Assim, Pancetti circulava entre o mundo sagrado de Mestre Didi, as sensuais narrativas de Jorge Amado e o som de Caymmi, celebrando ao violão a beleza e o poder de lemanjá, senhora das águas e rainha do mar.

Bahia

His move to Bahia, in the decade of 1950, modified Pancetti's personality and oeuvre. Happiness made the artist more tender, with an explosion of colors that were hot and strong. His seascapes became intense and full of light, and his love for the city perpetuated the beautiful Salvador of that time. Pancetti arrived at a special moment, because, at the recently founded University of Bahia, completely avant-garde classes were being given by intellectuals, such as: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka and Martim Gonçalves. In harmony with this effervescence, visual artists such as Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim and Agnaldo dos Santos were building a remarkable image of Bahia. Thus, Pancetti moved among the sacred world of Mestre Didi, the sensual narratives of Jorge Amado and the sound of Caymmi, celebrating with his guitar the beauty and power of lemanjá, lady of the waters and queen of the sea.



Coqueiros de Itapuã, 1956
óleo sobre tela oil on canvas • 45,4 x 64,4 cm
Coleção Collection Santander Brasil

Pescadores • 1956
óleo sobre tela oil on canvas • 26 x 40,2 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro

Essa obra, incomum na produção de Pancetti, retrata a pesca do xaréu, uma cena corriqueira nas praias de Salvador nos anos 1950. A atividade exigia força e ritmo, criando quase uma coreografia, apreciada pelos artistas, e foi muito retratada nos desenhos de Carybé, nos livros de Jorge Amado e nas fotos de Pierre Verger.

This work, unusual in Pancetti's production, depicts Jack fishing, which was very common on the beaches of Salvador in the 1950s. This activity required strength and rhythm, almost creating a choreography that was appreciated by artists and is often seen in Carybé's drawings, Jorge Amado's books and Pierre Verger's photographs.

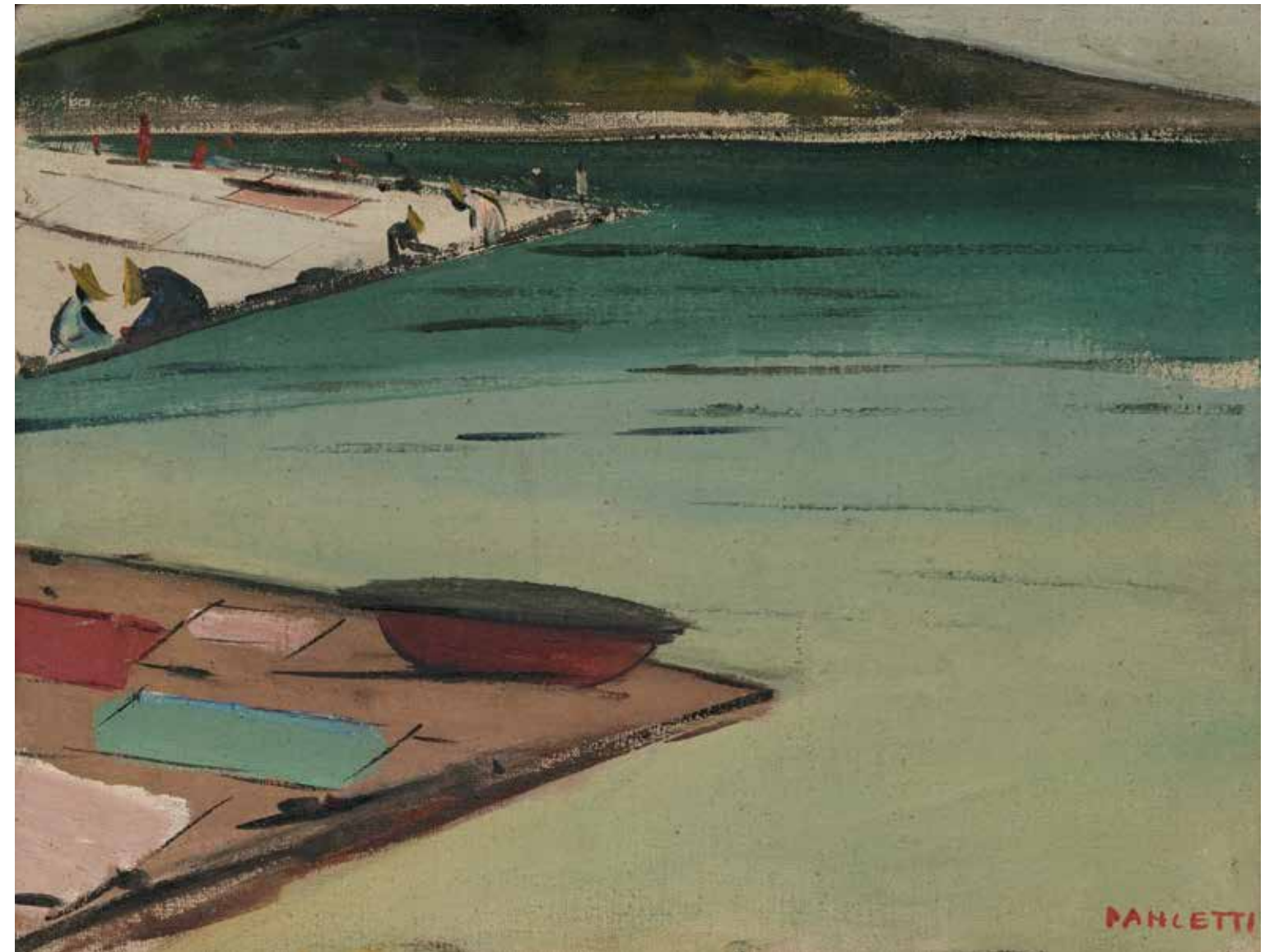




Farol da Barra, 1954
óleo sobre tela *oil on canvas* • 38 x 55 cm
Coleção *Collection* Marcos Ribeiro Simon • São Paulo



Igreja de Santo Antônio da Barra, 1951
óleo sobre tela *oil on canvas* • 60 x 73 cm
Coleção *Collection* Museu Nacional de Belas Artes • Rio de Janeiro



Lavadeiras do Abaeté • 1957
óleo sobre tela *oil on canvas* • 27 x 35 cm
Coleção particular *Private collection*

Lagoa do Abaeté, 1952
óleo sobre tela *oil on canvas* • 38 x 54,5 cm
Coleção *Collection* Marcos Ribeiro Simon • São Paulo

A descoberta da Lagoa do Abaeté, com suas águas escuras, a areia branca e a festa colorida dos panos das lavadeiras, foi outro momento de encanto intenso para o artista, como relata Aloysio de Paula: "Sua luz se enriquece e adquire poder e intensidade como nunca ele a exibira. Tudo canta no Abaeté. Seus verdes são mais verdes, seus vermelhos mais vermelhos".

Discovering the Lagoa do Abaeté, with its dark water, white sand and the colored feast of the washerwomen's cloths, was another moment of intense enchantment for the artist, as reported by Aloysio de Paula: "The light is enriched and acquires strength and intensity as never before seen. Everything sings in Abaeté. His greens are greener, his reds are redder".



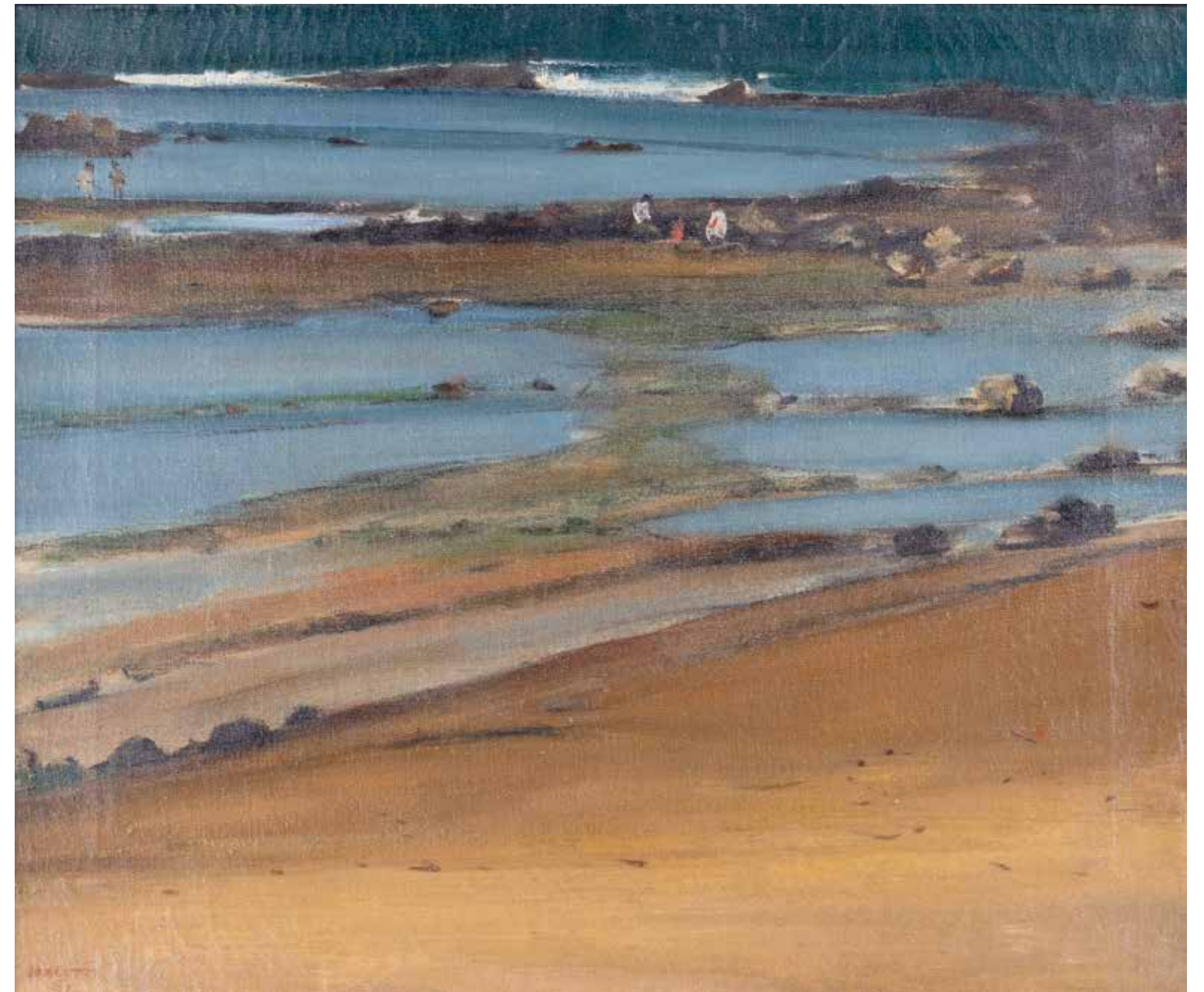
Marinhas

Pancetti pintou por toda a sua vida, aumentando significativamente sua produção a partir de 1946, quando foi reformado da Marinha. A partir de então, o mar, que já era fundamental na sua produção, torna-se cada vez mais importante. O percurso estético do artista é marcado por uma progressiva geometrização, e pela importância que a cor vai ganhando sobre a forma, até tornar-se protagonista quase absoluta das composições. À beira d'água ele pinta ocres, rosas e violetas do pôr-do-sol. O encontro entre o mar e a areia torna-se mais e mais constante, e, nesse processo, Pancetti reduz ao mínimo a forma, tornando-se quase abstrato.

Seascapes

Pancetti painted throughout his entire life, significantly increasing his production from 1946, when he retired from the Navy. From then on, the sea, which was already fundamental in his production, became increasingly important. The artist's aesthetic path is marked by a progressive geometrization, and by the importance that color gains over form, until it becomes virtually the absolute protagonist in his compositions. He paints the ochre, pink and violet of the sunset upon the seashore. The meeting between the sea and the sand becomes increasingly recurrent, and, in this process, Pancetti reduces form to a minimum, becoming practically abstract.

Stela, série Bahia, 1951
óleo sobre tela *oil on canvas* • 47 x 55 cm
Coleção *Collection* Nilma Pancetti • Rio de Janeiro



Paisagem de Itapuã, 1953
óleo sobre tela *oil on canvas* - 38 x 55 cm
Coleção *Collection* Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Um fato bastante significativo sobre a obra de Pancetti é que um trabalho do artista foi o quadro inicial de três das mais importantes coleções de arte do Brasil: Coleção Gilberto Chateaubriand (*Paisagem de Itapuã*, 1953), Coleção Sergio Fadel (*Praia em Cabo Frio*, 1947) e Coleção Roberto Marinho (*O Boneco*, 1939). A coincidência não parece ser um acaso, pois o temperamento solitário e simples do artista permitiu o surgimento de uma obra que tem o dom de comover.

A very significant fact regarding Pancetti's oeuvre is that one of the artist's works was the first painting in three of the most important art collections in Brazil: the Gilberto Chateaubriand Collection (Paisagem de Itapuã, 1953), the Sergio Fadel Collection (Praia em Cabo Frio, 1947) and the Roberto Marinho Collection (O Boneco, 1939). This coincidence does not seem to be random since the artist's simple and solitary temperament allowed him to create an emotionally moving oeuvre.





Itapuan, série Bahia, 1956
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 65 cm
Coleção particular *Private collection* • Salvador

à direita *right*
Mar Grande, 1954
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46,5 x 61,5 cm
Coleção particular *Private collection* • Salvador

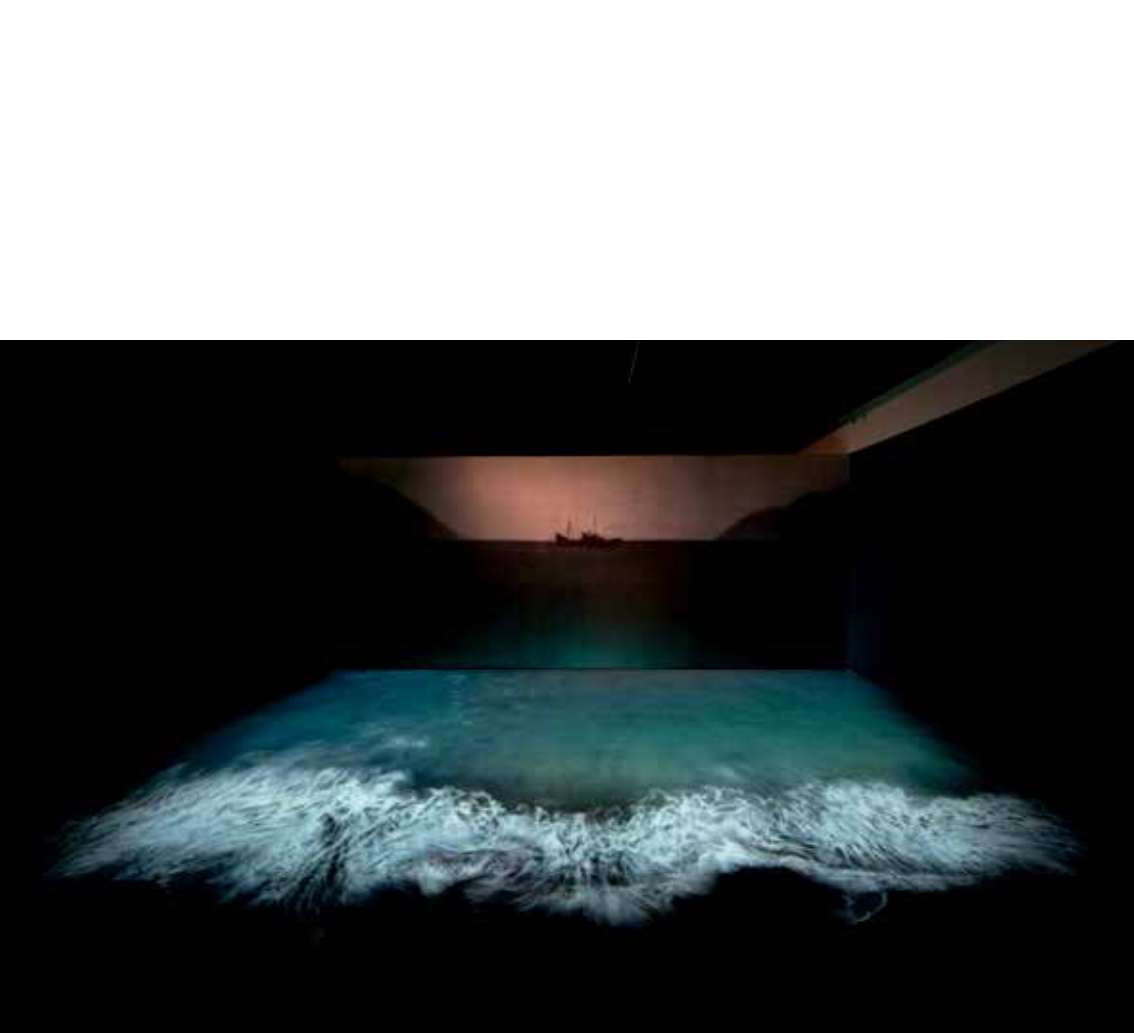




Sem título, série Bahia • 1952
óleo sobre tela *oil on canvas* • 46 x 65 cm
Coleção particular *Private collection*

Marinha, série Bahia, 1952
óleo sobre tela *oil on canvas* • 45 x 56 cm
Coleção *Collection* Marcos Ribeiro Simon • São Paulo





Pancetti e Caymmi

Durante a sua estadia na Bahia, Pancetti ficou amigo de Caymmi, cujas canções conversam muito de perto com sua obra. Criada especialmente para a exposição, a trilha sonora reúne algumas delas interpretadas ao som do mar de Salvador.

Violonista – Eduardo Luedy
Edição de som – Marcos Camargo
Gravação – Ivan Huol

Músicas de Caymmi

É doce morrer no mar – 1941
Saudades de Itapuã (Coqueiro) – 1954
Pescaria (Canoeiro) – 1954
O Mar – 1957
A Lenda do Abaeté – 1959

Cancioneiro Popular
Marinheiro Só

Arte Digital – Adriana Pedrosa e Guilherme Isnard

Pancetti and Caymmi

During his stay in Bahia, Pancetti became friends with Caymmi, whose songs closely parallel his work. Created especially for the exhibition, the soundtrack brings together some of them performed to the sound of the sea in Salvador.

Guitarist – Eduardo Luedy
Sound editor – Marcos Camargo
Recording – Ivan Huol

Songs by Caymmi

É doce morrer no mar – 1941
Saudades de Itapuã (Coqueiro) – 1954
Pescaria (Canoeiro) – 1954
O Mar – 1957
A Lenda do Abaeté – 1959

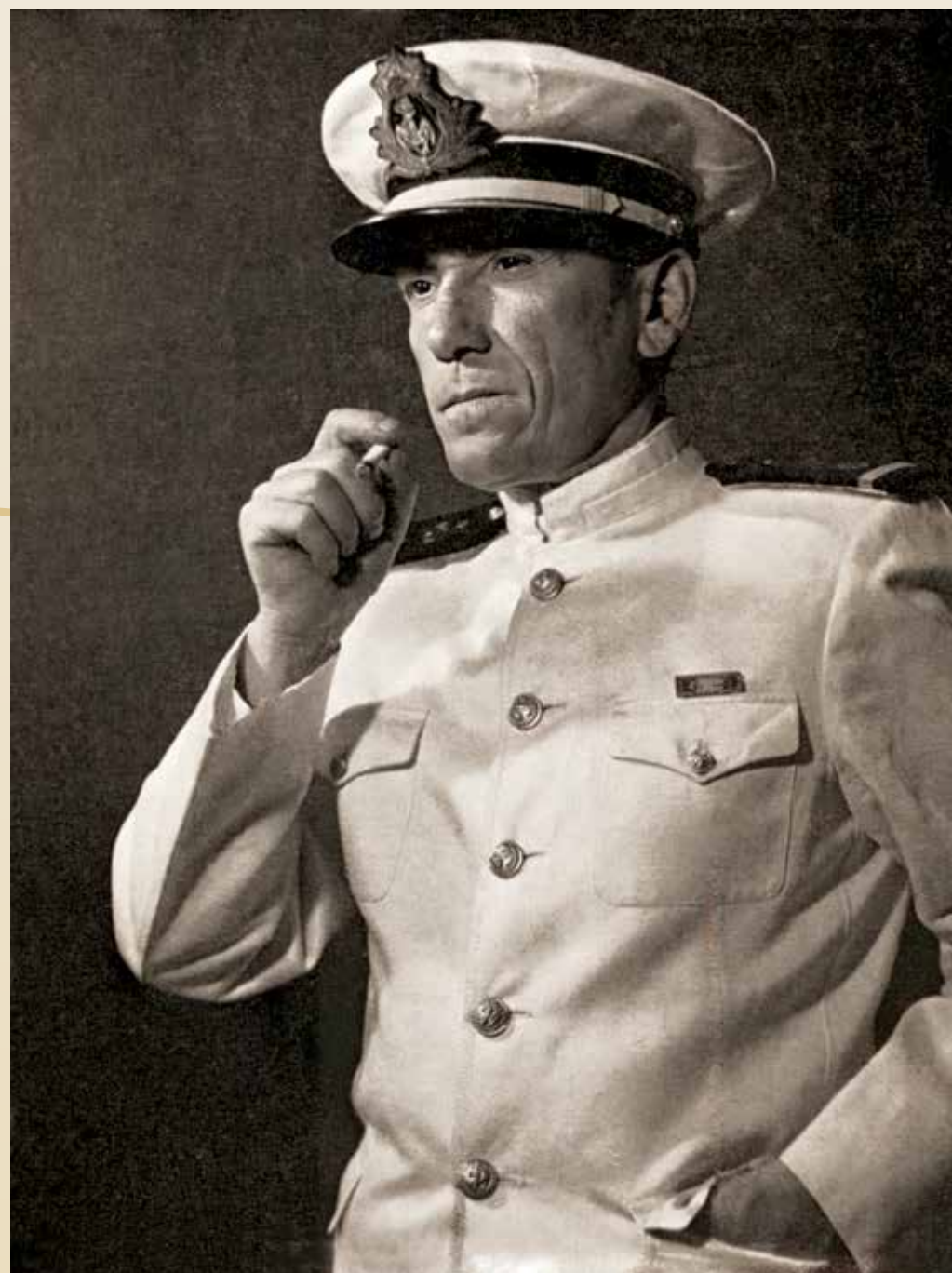
Popular Songbook
Marinheiro Só

Digital Art – Adriana Pedrosa and Guilherme Isnard



JOSÉ PANCETTI

(Campinas, SP, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1958)



Pancetti em uniforme de gala, 1952
Pancetti in full dress uniform, 1952

Filho de imigrantes italianos, Giuseppe Gianinni Pancetti, nasceu a 18 de junho, na localidade de Taquaral, em Campinas, São Paulo. Giovanni Pancetti, seu pai, era pedreiro, mestre-de-obras e músico e sua mãe Corina Giannini Pancetti era camponesa, ambos da Toscana. Chegaram ao Brasil em fins do século XIX e se estabeleceram em Campinas. Desde cedo o próprio artista abrigou seu nome para José Pancetti.

The son of Italian immigrants, Giuseppe Gianinni Pancetti was born on June 18th in the town of Taquaral, in Campinas, São Paulo. His father, Giovanni Pancetti, was a bricklayer, foreman and musician, and his mother, Corina Giannini Pancetti, was a peasant, both from Tuscany. They arrived in Brazil at the end of the 19th century and settled in Campinas. The artist himself Brazilianized his name from an early age, José Pancetti.

Com a mobilização do tio para a guerra, o menino abandona os estudos e vai para Pietrasanta morar com o avô que quer fazer dele um camponês. Pancetti não se adapta à vida do campo.



A família Pancetti, Pietrasanta, Itália, 1913
The Pancetti family, Pietrasanta, Italy, 1913

With his uncle's mobilization during the war, the boy abandoned his studies and went to Pietrasanta to live with his grandfather, who wanted to make him a peasant. Pancetti did not adapt to country life.

De volta a São Paulo, recomeça a luta pela sobrevivência, exercendo as mais diversas ocupações. Trabalha pela primeira vez como pintor, na Oficina Beppe especializada em decoração de pintura de paredes.

Returning to São Paulo, he begins anew his struggle for survival, working at several different jobs. He works for the first time as a painter at the Oficina Beppe that specializes in decorative wall painting.

Segue para o Rio de Janeiro e depois de aguardar alguns meses entra para a Marinha de Guerra do Brasil, como grumete a bordo do Paraná.

He moves to Rio de Janeiro and a few months later joins the Navy as a cabin boy aboard the Paraná.

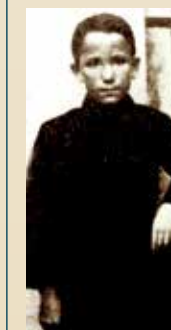


Na Marinha de Guerra do Brasil como grumete, 1922
In the Brazilian Navy as a cabin boy, 1922

1902 ··· 1912 ··· 1913 ··· 1917 ··· 1918 ··· 1919/20 ··· 1921/22 ··· 1923

A família muda-se para a cidade de São Paulo, residindo no Brás. Giovanni Pancetti trabalha na construção do Teatro Municipal.

The family moves to the city of São Paulo, settling in the Brás neighborhood. Giovanni Pancetti works on the construction of the Municipal Theater.



Aos 11 anos, Massa-Carrara, Itália, 1913
Age 11, Massa-Carrara, Italy, 1913

Devido às dificuldades financeiras, o menino Giuseppe, com sua irmã Ida, é enviado para a Itália em companhia do tio Casimiro, escultor e comerciante de mármore. Lá estuda em um colégio Salesiano completando o curso primário e cursando até o 2º ano ginasial.

Due to financial difficulties, the boy Giuseppe, with his sister Ida, was sent to Italy in the company of his uncle Casimiro, a sculptor and marble merchant. There he studied at a Salesian school, completing primary school and attending the 2nd year of high school.



Matrícula da Capitania do Porto de Viareggio, 1918
Registration of the Port Authority of Viareggio, 1918

Com fim da guerra, Pancetti aos 16 anos, embarca no veleiro *Maria Rosa*, da Marinha Mercante italiana e faz sua primeira viagem como mozzo, na rota Gênova – Norte da África. Alguns meses depois, foi admitido como piccolo no navio mercante italiano *Tommazo de Savoya* e nele viajou para o Brasil desembarcando em Santos.

At the end of the war, Pancetti, aged 16, embarked on the Italian Merchant Navy's Maria Rosa and made his first voyage as a mozzo, on the Genoa-North Africa route. A few months later, he was hired as a piccolo on the Italian merchant ship Tommazo de Savoya and traveled to Brazil, disembarking in Santos.

Recebe a divisa de marinheiro de segunda classe. No posto de cabo, Pancetti fica conhecido como o "Moço das Tintas", designação dada na Marinha ao encarregado de zelar pelo compartimento de tintas existente nos navios.

He receives his Navy chevrons as an Able Seaman. As a corporal, Pancetti becomes known as "the paint boy", a designation given in the Navy to the person in charge of the ship's paints compartment.

Ingressa na companhia de especialistas de convés, no quadro de pintor. Viaja para os Estados Unidos a bordo do *Bahia*. É promovido a cabo de esquadra.

He joins the deck specialists' company as a painter. He traveled to the United States aboard the Bahia. He is promoted to squadron corporal.



A bordo do navio Bahia, 1926
On board the ship Bahia, 1926

Tem seu primeiro trabalho, uma marinha, publicado em *A Noite Ilustrada* de 5 de outubro, comentada num pequeno texto intitulado "Um Amador da Pintura".



Artigo de Noite Ilustrada, 1932
Article on Noite Ilustrada, 1932

His first work, a seascape, was published in A Noite Ilustrada on October 5, commented on in a short text entitled "A Painting Amateur."

Viaja para a Inglaterra no navio escola *Almirante Saldanha*, em sua viagem inaugural. Vai a Paris e visita os museus. O navio toca outros portos; Lisboa, Barcelona, Spezia. Retorna à Itália depois de 12 anos e revê amigos e parentes. Durante a viagem de volta para o Brasil o Comandante anuncia que o Sargento José Pancetti recebeu Menção Honrosa no Salão Nacional.

He travels to England on the training ship Almirante Saldanha, on its maiden voyage. He goes to Paris and visits museums. The ship calls at other ports: Lisbon, Barcelona, Spezia. He returns to Italy after 12 years and sees friends and relatives. During the return trip to Brazil, the Commander announces that Sergeant José Pancetti received an Honorable Mention at the National Salon.



Navio Almirante Saldanha, 1934
Almirante Saldanha ship, 1934

Participa do Salão Nacional de Belas Artes, com três obras: duas marinhas e *Navios em Reparo*. Conquista a Medalha de Bronze. É promovido a 1º sargento e recebe a Medalha de Bronze do Salão Paulista.

He participates in the Salão Nacional de Belas Artes, presenting three works: two seascapes and Navios em Reparo (Ships under Repair). Wins the Bronze Medal. Promoted to Master Sergeant and wins the Bronze Medal at the Salão Paulista.

O prêmio de viagem ao estrangeiro é conferido a José Pancetti, o primeiro artista a ganhar o prêmio pela recém-inaugurada Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes, com a paisagem *O Chão*. Participa da mostra Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, com a obra *Capinzal*.

The foreign travel prize is awarded to José Pancetti, the first artist to win the prize for the recently inaugurated Modern Division of the National Fine Arts Salon, with the landscape O Chão (The Ground). The artist declares that the prize is more of a victory of the Modern Division than his own. Participates in the exhibition Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental (Contemporary Art from the Western Hemisphere), held at the Museu Nacional de Belas Artes, showing his work, Capinzal (Wheatfield).



O Chão, 1941, óleo sobre tela, 61,5 x 81 cm, Coleção Museu Nacional de Belas Artes, RJ
O Chão, 1941, oil on canvas, 61.5 x 81 cm, Collection of the National Museum of Fine Arts, RJ



Na exposição Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental, Museu Nacional de Belas Artes, RJ, 1941
At the exhibition Contemporary Art of the Western Hemisphere, National Museum of Fine Arts, RJ, 1941

.....1925.....1926/28.....1929.....1932.....1933.....1934.....1935.....1936/38.....1939.....1941.....1942.....1943.....1944.....1945.....1946.....1947.....1948.....1949.....



Marinha, 1936, óleo sobre madeira, 21 x 24 cm, Coleção particular, SP
Marinha, 1936, oil on wood, 21 x 24 cm, Private collection, SP

Interna-se no Sanatório Naval de Nova Friburgo para tratar de tuberculose pulmonar. É promovido a 3º sargento.

He is interned in the Naval Sanatorium of Nova Friburgo to treat pulmonary tuberculosis. Promoted to staff sergeant.

A pintura já começava a entrar de outra maneira na vida de Pancetti; pintava marinhas em caixas de charutos e cartões-postais que trocava por cigarros com os companheiros.

Painting came into Pancetti's life in a singular manner; he painted seascapes on cigar boxes and post cards which he exchanged for cigarettes with his mates.



Marinheiro, 1933, aquarela sobre papel, 32 x 21,8 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand, Mam Rio, RJ
Sailor, 1933, watercolor on paper, 32 x 21.8 cm, Gilberto Chateaubriand Collection, Mam Rio, RJ

Já como 2º sargento, filia-se ao Núcleo Bernardelli. Bruno Lechowski e Milton Dacosta são referidos por Pancetti como os membros do núcleo que mais o ajudaram neste aprendizado inicial. Expõe pela primeira vez no Salão Nacional de Belas Artes, apresentando as obras: *Trecho da Cidade* e *Docas do Arsenal*.

Now as a sergeant, he joins the Bernardelli Group. Bruno Lechowski and Milton Dacosta are referred to by Pancetti as the members of the group who helped him the most in this initial learning process. He exhibited for the first time at the National Fine Arts Salon, presenting the works: Trecho da Cidade (Part of the City) and Docas do Arsenal (Docks of the Arsenal).



Anita Caruso e Pancetti no dia de seu casamento, 1935
Anita Caruso and Pancetti on their wedding day, 1935

Casa-se com Anita Caruso em 27 de abril. Concorre ao Salão Nacional de Belas Artes. Vende pela primeira vez um quadro, *Beira de cais*, por 200 mil réis, ao caricaturista Álvaro.

Marries Anita Caruso on April 27. Participates in the Salão Nacional de Belas Artes. For the first time he sells a painting, Beira de cais (On the Quay), for 200 thousand réis, to caricaturist Álvaro.



Auto-vida, 1945, óleo sobre tela, 65 x 54,5 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand Mam Rio, RJ
Auto-vida, 1945, oil on canvas, 65 x 54.5 cm, Gilberto Chateaubriand Mam Collection Rio, RJ



Oficinas, 1940, óleo sobre tela, 74,5 x 93,7 cm, Coleção Museu Nacional de Belas Artes
Oficinas, 1940, oil on canvas, 74.5 x 93.7 cm, National Museum of Fine Arts Collection



Arraial do Cabo, 1948, óleo sobre tela, 46 x 65 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio
Arraial do Cabo, 1948, oil on canvas, 46 x 65 cm, Gilberto Chateaubriand Collection MAM Rio



Pancetti ao centro, na exposição no Instituto dos Arquitetos, São Paulo, 1945
Pancetti in the center, at the exhibition at the Institute of Architects, São Paulo, 1945

Faz sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos de São Paulo. A mostra é bem recebida pela crítica paulista. Participa da exposição itinerante *Arte del Brasil Moderno*, apresentada em Buenos Aires, La Plata e Montevidéu, organizada pelo escritor brasileiro Marques Rebello.

He holds his first solo exhibition at the Institute of Architects of São Paulo. The exhibition is well received by critics in São Paulo. He takes part in the traveling exhibition Arte del Brasil Moderno, presented in Buenos Aires, La Plata and Montevideo, organized by the Brazilian writer Marques Rebello.

Recebe a Medalha de Prata no Salão Nacional de Belas Artes com *Estudo*. Recebe sua última comissão na Marinha. Não mais voltaria à ativa pois a saúde não lhe permitiria. O Museu Nacional de Belas Artes adquire o quadro *Oficinas*.

Wins the Silver Medal at the Salão Nacional de Belas Artes for Estudo (Study). Receives his last Commission from the Navy. He would no longer return to active duty since his poor health would not allow it. The Museu Nacional de Belas Artes (National Museum of Fine Arts) acquires his painting Oficinas (Workshops).

Impossibilitado de viajar para a Europa, em consequência da Segunda Guerra Mundial. Pancetti tencionava desfrutar seu prêmio nos Estados Unidos, mas devido ao seu estado de saúde, vê-se impedido de fazê-lo. Obtém, então, licença para converter em auxílio para tratamento de saúde, seu prêmio de viagem. Nasce sua filha Nilma.

Unable to travel to Europe due to World War II, Pancetti intended to enjoy his prize in the United States, but due to his health condition, he was unable to do so. He then obtained permission to convert his travel prize into a health care grant. His daughter Nilma was born.

Participa da Exposição de Arte Moderna Brasileira na Prefeitura de Belo Horizonte, a convite de Guignard. Alguns artistas tiveram obras navalhadas pelo público.

Participates in the Exposição de Arte Moderna Brasileira at the City Hall of Belo Horizonte, at the invitation of Guignard. Some of the artists had their works slashed by the public.

Participa da Exposição de Arte Brasileira em Londres, em homenagem a RAF - Royal Air Force, na Burlington House. Expõe duas paisagens e um autorretrato, que é vendido.

Participates in the Exposição de Arte Brasileira (Exhibition of Brazilian Art) in London, a tribute to the RAF - Royal Air Force, at Burlington House. He exhibits two landscapes and a self-portrait, which is sold.

É reformado na Marinha ao mesmo tempo em que é promovido a 2º tenente. Realiza exposição Individual na Galeria Itapetininga. Realiza sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro na Galeria Montparnasse.

He retires from the Navy at the same time as he was promoted to 2nd lieutenant. He held a solo exhibition at the Itapetininga Gallery. He held his first solo exhibition in Rio de Janeiro at the Montparnasse Gallery.



Rio São João, 1947, óleo sobre tela, 55,5 x 65,5 cm, Coleção MAM São Paulo
Rio São João, 1947, oil on canvas, 55.5 x 65.5 cm, MAM São Paulo Collection

Recebe o Prêmio de Viagem pelo país no Salão Nacional de Belas Artes com a obra *Marinha*. Pinta Cabo Frio, Arraial do Cabo, Campos do Jordão, Mangaratiba, Campos do Jordão. Visita Salvador, a convite de Odorico Tavares.

He receives the Travel Award for the country at the National Fine Arts Salon with the work Marinha. He paints Cabo Frio, Arraial do Cabo, Campos do Jordão, Mangaratiba, Campos do Jordão. He visits Salvador, at the invitation of Odorico Tavares.

Recebe a Medalha de Ouro no Salão Nacional de Belas Artes, com a obra *Marinha*.

He receives the Gold Medal at the National Fine Arts Salon, with the work Marinha.

Recebe a Pequena Medalha de Prata no 5º Salão Paulista de Belas Artes com a obra *Praia em Cabo Frio*, e o Segundo Prêmio Governador de São Paulo com a mesma obra.

He receives the Small Silver Medal at the 5th São Paulo Fine Arts Salon with the work Praia em Cabo Frio, and the Second Governor of São Paulo Prize with the same work.



Lagoa do Abaeté, 1952, óleo sobre tela, 38 x 54,5 cm, Coleção Marcos Ribeiro Simon, São Paulo
Lagoa do Abaeté, 1952, oil on canvas, 38 x 54.5 cm, Marcos Ribeiro Simon Collection, São Paulo

Participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, com as obras: Brejo, 1948, Marinha, 1950, e Da janela do meu atelier, Bahia, s.d.

Participates in the 1st International Biennial of São Paulo, with the works: Brejo, 1948, Marinha, 1950, and Da janela do meu atelier, Bahia, n.d.

Enfermo, transfere-se em novembro de Salvador para o Rio de Janeiro. Em seu diário, no dia 16 de outubro descreve a saída de Salvador:

Na estrada, desde o farol da Barra até Itapuã eu fiquei a olhar a praia e os coqueiros, as canoas dos pescadores e suas redes estendidas sobre as brancas areias que iam ficando. Um turista que vinha na frente do carro, com cara de norte-americano, batia fotografias do verde mar. Atrás dele um homem chorava por não poder mais interpretar aquelas deslumbrantes cores daquele mar tão familiar.

Unwell, he moves from Salvador to Rio de Janeiro in November. In his diary, on October 16, he describes leaving Salvador:

On the highway, from the Barra lighthouse to Itapuã, I gazed at the beach and the palm trees, the fishermen's boats and their nets left behind and stretched out over the white sands. A tourist, who looked North-American, was seated in the front of the car took photos of the green sea. Behind him, a man cried because he no longer could represent the amazing colors of that very familiar sea.



Diploma de Cidadão da Cidade de Salvador, 1957
Diploma of Citizenship of the City of Salvador, 1957

Em 25 de novembro, já no Hospital Central da Marinha, anota:

Quando fiquei só, olhei pela janela o mar. O Pão de Açúcar. A linha do horizonte. O aeroporto Santos Dumont, o Mercado. O entreposto do peixe. As barcas iam e vinham. Vi o Arsenal fumegando. Vi os estaleiros, o mar cinza, cor de chumbo. Suspirei fundo. Não sei se foi saudade dos meus velhos tempos de marinheiro ou a impossibilidade de não poder empunhar a palheta e pincéis e dar amor à paisagem.

Recebe o título de Cidadão de Salvador em 26 de dezembro de 1957.

On November 25, now in the Hospital Central da Marinha, he writes:

When I was alone, I looked out of the window at the sea. The Pão de Açúcar (Sugar Loaf). The line of the horizon. The Santos Dumont airport, the Market. The fish outpost. The ferries coming and going. I saw the Arsenal blowing smoke. I saw the shipyards; the grey, lead colored, sea. I breathed deeply; I don't know whether I was yearning for the old times as a sailor or the impossibility of holding the palette and paintbrushes and offering my love to the landscape.

He receives the title of Citizen of Salvador on December 26, 1957.

1950 1951 1952 1954 1955 1957 1958



O artista pintando na Praia da Barra, 1950. Foto Pierre Verger
The artist painting on Barra Beach, 1950. Photo Pierre Verger

Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Lívio Abramo, Milton Da Costa, Goeldi, Burle Marx e Victor Brecheret.

He moves to Salvador. He participates in the 25th Venice Biennale, with the works: Pântano, Itanhaém, Marinha and Paisagem. The following Brazilian artists also participated in this Biennale: Volpi, Bruno Giorgi, Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Lívio Abramo, Milton Da Costa, Goeldi, Burle Marx and Victor Brecheret.

Muda-se para Salvador. Participa da 25ª Bienal de Veneza, com as obras: Pântano, Itanhaém, Marinha e Paisagem. Dessa Bienal também participaram os artistas brasileiros: Volpi, Bruno Giorgi, Portinari, Cícero Dias, Di

Recebe a Medalha de Ouro no Salão Baiano por sua participação com as obras Praia de Itapuã e Marinha com coqueiros.

He receives the Gold Medal at the Bahian Salon for his participation in the works Praia de Itapuã and Marinha com coqueiros.



Pancetti com seus filhos Nilma e Luiz Carlos, 1954
Pancetti with his children Nilma and Luiz Carlos, 1954



Pancetti e sua mãe, Corinna, 1954
Pancetti and his mother, Corinna, 1954

Realiza exposição em Salvador na Galeria Oxumaré. Nasce seu filho Luiz Carlos. É promovido a primeiro-tenente.

He holds an exhibition in Salvador at the Oxumaré Gallery. His son Luiz Carlos is born. He is promoted to first lieutenant.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realiza exposição individual do artista. São apresentadas 52 obras, datadas de 1936 a 1952. Participa da 3ª Bienal de São Paulo com as obras: Autorretrato Cinza, 1939, Homem Louco, 1940, Marinha na Bahia, 1950 e Autorretrato, 1954.

The Museum of Modern Art in Rio de Janeiro is holding a solo exhibition by the artist. 52 works are on display, dating from 1936 to 1952. He is participating in the 3rd São Paulo Biennial with the works: Autorretrato Cinza, 1939, Homem Louco, 1940, Marinha na Bahia, 1950 and Autorretrato, 1954.



Mario Cravo Jr, Dacosta, Goeldi, Maria Leontina, Mark Berkowitz, Pancetti and his son Luiz Carlos, c. 1955



Pancetti e Portinari, Rio de Janeiro, 1955
Pancetti and Portinari, Rio de Janeiro, 1955

Falece a 10 de fevereiro no Hospital Central da Marinha no Rio de Janeiro. Na manhã de 11 de fevereiro, foi enterrado no Cemitério São João Batista. Além da família, estavam presentes seus amigos e admiradores: almirante Amorim do Vale, governador Antônio Balbino da Bahia, embaixador Maurício Nabuco, jornalista Roberto Marinho, Gilberto Chateaubriand, Milton Dacosta, Maria Leontina e outros. O poeta Augusto Frederico Schmidt, saudou o pintor em emocionada despedida.

He dies on February 10th at the Navy Central Hospital in Rio de Janeiro. On the morning of February 11th, he was buried at the São João Batista Cemetery. In addition to his family, his friends and admirers were present: Admiral Amorim do Vale, Governor Antônio Balbino of Bahia, Ambassador Maurício Nabuco, journalist Roberto Marinho, Gilberto Chateaubriand, Milton Dacosta, Maria Leontina and others. The poet Augusto Frederico Schmidt greeted the painter in an emotional farewell.



CASA FIAT DE CULTURA

Conselho Deliberativo *Deliberative Council*

Presidente *President*
Emanuele Cappellano

Conselheiros *Counselors*
Frederico Battaglia
Márcio de Lima Leite

Diretoria *Board of Directors*

Presidente *President*
Massimo Cavallo

Diretores *Directors*
Fabrício Biondo
Fernando Scatena

Empresas Mantenedoras *Supporting Companies*

Stellantis
FCA Fiat Chrysler Automóveis Brasil Ltda.
Fiat Chrysler Rimaco Brasil Corretagem
de Seguros Ltda.

EXPOSIÇÃO PANCETTI NA CASA FIAT DE CULTURA: O MAR QUANDO QUEBRA NA PRAIA... *EXHIBITION PANCETTI AT CASA FIAT DE CULTURA: THE SEA, WHEN IT BREAKS ON THE SHORE...*

Realização *Presentation*
Ministério da Cultura
Casa Fiat de Cultura

Curadoria e Coordenação
Curatorship and Coordination
Denise Mattar

Gestão da Experiência Cultural
Cultural Experience Management
Ana Vilela

Conteúdo e Comunicação
Content and Communication
Bia Starling

Colaboração *Collaboration*
André Borges
Fernanda Blom
Vitor Coelho

Programa Educativo *Educational Program*
Barbara Lempp
Carolina Minardi
Flávia Salvador
Luciana Grizoti
Naíra Duarte

Estagiário *Trainee*
Laerte Junior

Gestão Administrativo-Financeira
Administrative-Financial Management
Hertz Alves

Administrativo-Financeiro *Administrative-Financial*
Shoji Kitawara
Rafael Galuppo

Colaboração *Collaboration*
Julieni Fonseca

Eventos *Events*
Bernardo Oliveira
Poliana Ornelas

Colaboração *Collaboration*
Patrícia Azevedo

Assessoria de Imprensa e Relações Públicas
Press Office and Public Relations
Personal Press
Polliane Eliziário
Marinha Luiza
Raquel Braga

Produção Executiva *Executive Production*
Izabel Ferreira – Memória Visual
Marcio Gobbi – MG Produções Culturais

Expografia *Expography*
Guilherme Isnard

Projeto de Iluminação *Lighting Project*
Guinard

Identidade Visual *Visual Identity*
Ludovico Desenho Gráfico
Paulo Humberto L. de Almeida

Assistente de Curadoria *Curatorship Assistant*
Felipe Barros de Brito

Revisão de Textos *Proofreading*
Jhony Arai

Tradução de Textos *Translation*
Monica Mills

Museologia *Museology*
Alice Gontijo – Belo Horizonte, MG
Fátima Noronha – Rio de Janeiro, RJ
Mariane Tomi Sato – São Paulo, SP
Paula Curado – Rio de Janeiro, RJ

Execução da Expografia *Execution of Expography*
Exatta Marcenaria
Thur Pinturas

Sinalização *Signaling*
Trama Comunicação

Equipamentos Audiovisuais *Audiovisual Equipment*
EVJ Produções

Transportadora Oficial *Official Carrier*
Millenium Transportes e Logísticas

Audiodescrição *Audio description*
Fábia Feixas
Sabrina Bairros

Obras em relevo *Works in relief*
Casa do Braille

Tour Virtual *Virtual Tour*
VIU360
Leo Lachini



CATÁLOGO
CATALOG

Organização e textos *Organization and texts*
Denise Mattar

Design Gráfico *Graphic Design*
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Produção Executiva *Executive Production*
Izabel Ferreira – Memória Visual

Fotos *Photos*
Fernando Silveira
Jaime Acioli
Leo Lara
Motivo Processamento Imagem e Comunicação
Raquel Silva
Romulo Fialdini

Revisão de Textos *Proofreading*
Jhony Arai

Tradução de Textos *Translation*
Monica Mills

CTP e Impressão *CTP and Printing*
XXXXXXXXXX

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGMENTS

Almeida & Dale Galeria
Antonio Luiz Cabral de Oliveira Machado
Antonio Bias Bueno Guillon
Ana Dale
Ana Flávia Araujo
Ana Paula Momesso
Antonio Almeida
Ariane Barbosa
Beth Mangione
Breno Krasilchik
Camila Pinho
Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
Carlos Dale
Carlos Trevi
Carolina Tatani
Cátia Louredo
Cauê Alves
Cecília Elia Bianchini Pontes
Celita Procópio
Cica Lima
Claudia Regina Alves da Rocha
Claudia Simone
Cleucy Oliveira
Coleção Gilberto Chateaubriand – MAM Rio
Daniel Barretto da Silva
Daniele Martins Silva
Daniela Matera do Monte Lins
Danielle Medeiros
Danilo Caymmi
Denise Guiglemeti

Denise Michelotti
Eduardo Luedy
Eduardo Nunes
Erica Schmatz
Ellen Dias
Érica Rodrigues
Fernando Bagno
Felippe Naus
Fernanda Celidônio
Guyanne Araújo
James Lisboa
Joao Luiz Domingues Barbosa
Koa Participações Ltda
Larissa Long
Lara Palhares
Larissa Dutra
Laura Suzana Rodriguez
Liége Zampol
Luan Torres
Luiz Carlos Ritter
Mangione, Filhos & Cia Ltda
Marcio Lobão
Marcos Ribeiro Simon
Maria Ângela Rizkallah
Mariana Leão
Max Perlingeiro
Museu de Arte Brasileira da FAAP
Museu de Arte Moderna de São Paulo
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Museu Nacional de Belas Artes

Natalia Bronze
Orandi Momesso
Pablo Lafuente
Patrícia Gesualdo
Paulo Lavôr
Patrícia Cesário
Patricia Pinto Lima
Paulo Darzê Galeria
Raja Consultoria de Arte Ltda.
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Simon
Roberto Baraldi
Roberto Brandão
Ronaldo Cezar Coelho
Sergio Fadel Lobão
Simone Bibian
Sofia Fadel Lobão
Tatiana Kallas
Ubirajara Teixeira
Ula Pancetti
Victor Bialski

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pancetti na Casa Fiat de Cultura : o mar quando
quebra na praia— / curadoria Denise Mattar. —
1. ed. — Belo Horizonte, MG : Casa Fiat de
Cultura, 2024.

ISBN 978-85-94442-02-4

1. Arte brasileira 2. Pinturas brasileiras
3. Pinturas - Arte - Exposições - Catálogos

I. Mattar, Denise.

24-228805

CDD-750

Índices para catálogo sistemático:

1. Pinturas : Arte : Exposições : Catálogos 750

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

ISBN: 978-85-94442-02-4

CL



9 788594 442024

